

A Universidade Federal de Pernambuco cria mais dois Mestrados: de Letras e Geografia. (pág. 6)

História se renova através da restauração das igrejas

Dentro de poucos meses, quem for Salvador, a legendaria Sé, da Igreja da ao alto da Sé, em Olinda, se sentirá Divina Graça na colina do antigo Semi-transportado ao século XVI e receberá, nárto, com a restauração do Palácio dos ao vivo, uma lição de história, com a Bispos, destinado a futuro museu sacro. restauração da igreja catedral de São (pág. 7)



JORNAL UNIVERSITÁRIO

ÓRGÃO OFICIAL DA U.F.PE.

N.º 5-6-7 RECIFE — JAN. FEV. MAR. — 1976 ANO VIII

Universidade recebe novos estudantes

A Universidade acaba de receber um novo contingente de alunos — os recém-classificados no Vestibular Unificado —, todos eles ávidos de esperanças e dispostos para o início de uma nova jornada: a preparação, a nível de graduação, com vistas ao exercício de uma profissão, nas diversas áreas da atividade humana.

Este ano, um ponto a merecer referência: a média ponderada (argumento de classificação) melhorou consideravelmente em relação aos últimos concursos, o que significa dizer que subiu o nível dos candidatos, conforme argumentam os organizadores do Vestibular Unificado — Centro de Seleção ao Ensino Superior de Pernambuco (Cesesp).

Durante a realização dos testes, o Rector da Universidade Federal de Pernambuco, Professor Paulo Maciel, percorreu os diversos prédios utilizados pelo Cesesp, dialogando com os candidatos, encorajando-os ao sucesso desejado nessa difícil maratona pelo ingresso nos cursos de graduação das nossas Instituições — UFPE, Unicap, Fesp e Rural.

Das quatro Instituições que participam do Vestibular Unificado, é a UFPE a que recebe o maior número de candidatos — cerca de três mil do total oferecido pelas quatro Universidades — aproximadamente sete mil vagas. Vários prédios da UFPE, na Cidade Universitária, foram utilizados pelo Cesesp, dentro do espírito de cooperação que caracteriza os dirigentes desta Universidade.

PONTES DO RECIFE: SUA PAISAGEM E SUA HISTÓRIA

As pontes do Recife exercem um grande fascínio sobre todos aqueles que visitam a cidade. Mas as pontes têm a sua história. Desde o príncipe Maurício de Nassau, construtor da primeira delas — anos depois batizada com o nome do holandês — as pontes recifenses estão cercadas por uma auréola de mistério que muito contribui para o seu definitivo encanto. (Matéria nas págs. 8 e 9)

MEC cria o Programa de Crédito Educativo para estudante pobre

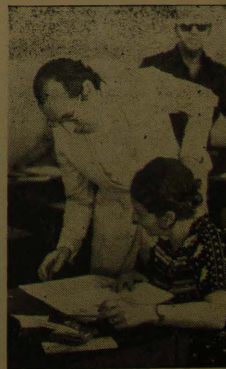
Uma nova medida, de amplo interesse para os universitários brasileiros, é anunciada pelo Ministro Ney Braga, da Educação e Cultura: o Programa de Crédito Educativo, destinado aos estudantes carentes de recursos financeiros. Já funciona a partir deste ano, beneficiando inicialmente as Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Para o período de 1976/79, o Programa engloba recursos no montante de 10 bilhões e oitocentos milhões de cruzelros.

Argentina aplaude Quinteto Armorial

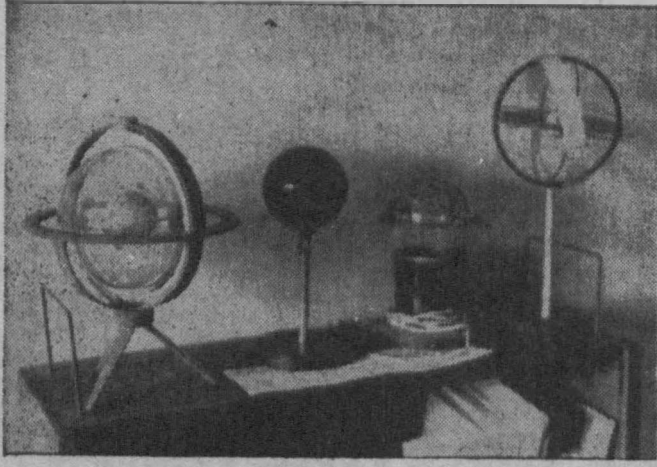
Pela segunda vez o Quinteto Armorial apresenta-se no Exterior, agora, em Buenos Aires, onde conseguiu promover uma nova imagem da música brasileira, mostrando o seu trabalho de aproveitamento das raízes populares da nossa cultura na formação de uma música erudita nacional.

O poeta Marcus Accloly, diretor do Departamento de Extensão Cultural da UFPE, acompanhou o Quinteto, tendo feito a sua apresentação, em Buenos Aires e, de volta, apresentaram-se também em Brasília. A Imprensa da Argentina não poupou elogios ao trabalho do Quinteto.



Rector vê comportamento dos "feras"

Ampla visão das artes e da literatura, autores recém-lançados - págs. 10, 11, 12, 13, 14 e 15.



PADRE POLMAN ESCALA O CÉU

Ele está no Brasil desde 1952. Aqui, a milhares de quilômetros de sua Holanda natal, dedica-se religiosamente a uma das mais antigas e apaixonantes ciências cultivadas pelo homem: a Astronomia. Autodidata disciplinado e tenaz, muito pouco receptivo às crenças divuagadas pelo Realismo Fantástico — como, por exemplo, a de que um dos satélites de Marte é artificial —, o padre Jorge Polman transmite sua paixão a uma média de 150 alunos, todos impregnados de um surpreendente e saudável entusiasmo. Tanto que, na noite do dia 18 de novembro, por ocasião de um eclipse total da lua, o Colégio São João, na Várzea, onde funciona o Clube Estudantil de Astronomia (CEA), fervilhava de rapazes e moças das mais diversas idades, ora perscrutando o espaço através dos cinco telescópios da agremiação, ora envidos em inquietantes conversas sobre fenômenos celestes. Alguns sabedores de que o repórter do JORNAL UNIVERSITÁRIO estaria interessado em saber de alguns detalhes a respeito do eclipse, foram tomados do alvoroço peculiar àqueles que, aprendizes de uma tão singular e pouco conhecida matéria, desejam ardentemente provar que estão assimilando muito bem ensinamentos aparentemente inacessíveis.

Lutando 25

P — Quando e como teve início o CEA?

R — Em 1972. Quando os alunos do Colégio São João souberam que eu entendia alguma coisa do assunto, e ainda por cima dispunha de um telescópio, pediram-me que lhes transmitisse alguns ensinamentos. Eles estavam visivelmente interessados na matéria. Hoje, porém, esse interesse é maior ainda, felizmente.

P — De que maneira o Clube é mantido? Existe, por acaso alguma ajuda dos órgãos públicos?

R — Não, não existe. A manutenção do CEA fica por conta dos sócios contribuintes e beneméritos, tanto quanto dos próprios cursistas e sócios ativos — estes últimos pertencendo ao número dos que, mesmo tendo concluído o curso, continuam trabalhando ativamente pela nossa associação. Portanto, temos nossas dificuldades, mas estamos sempre trabalhando. De certa forma, é até salutar não depender dos outros.

P — Quais as pesquisas usualmente feitas por vocês?

R — No CEA fazemos observações gerais, incluindo observação solar, meteoritos, estrelas variáveis, ocultações lunares, etc., além de confeccionarmos um boletim astronômico mensalmente. Os dados co-

letados são enviados à AAVSO (American Association of Variable Observers) e à IOTA (International Occultation Timing Association), ambas nos EUA. Também assinamos algumas revistas especializadas, como as americanas Center Forshort Leved, do importante Smithsonian Institute, e Sky and Telescope, L'Astronomie, da Société Astronomique de France, Aarde en Kosmos e Sterregids, ambas holandesas, e o Anuário Astronômico de São Paulo. Modéstia à parte, talvez seja esta a maior associação amadora do país.

P — E quais os atuais projetos do CEA?

R — Em fins de 1972 participamos de uma feira de ciências no Derby: o interesse despertado foi enorme. De maneira que, em 1973, já tínhamos um grupo de aproximadamente 40 estudantes aprendendo os princípios básicos de Astronomia. Em novembro do mesmo ano, quando vimos pela primeira vez no Brasil o cometa Kohoutek, a imprensa deu uma boa cobertura e, conseqüentemente, contribuiu para uma maior divulgação do CEA. Desde então, temos uma média de 150 estudantes fazendo o curso e o núcleo de uns 50 que são sócios efetivos. Meu interesse máximo consiste em ensinar Astronomia à classe estudantil, proporcionando-lhe chances de praticar Astronomia de modo mais científico, além de ajudar a quem quer que seja a realizar-se como as-

trônomo amador. Ora, o CEA dispõe atualmente de cinco telescópios de vários tamanhos, acessórios para observação solar, espectroscópios, radiotelescópio ainda em montagem, cúpula de observação, etc. Para o futuro pretendemos comprar um telescópio de maior alcance, colocar em funcionamento o radiotelescópio e construir mais outro.

Como um alpinista

P — O que leva uma pessoa a se interessar por Astronomia? Algum motivo especial?

R — Curiosidade pelo Universo, simplesmente. Encantamento. Quem sabe se não um estado de ânimo semelhante àquele que leva um alpinista a escalar essa ou aquela montanha? Mas os princípios da Astronomia devem ser bem ensinados. Por exemplo: uma pessoa compra uma luneta e se desgosta porque não sabe o que fazer com ela. E o amador iniciante tem de ser hábil no uso do seu instrumento, conhecer as possibilidades que este instrumento proporciona e avaliar a utilidade de suas próprias observações. Uma curiosidade dessas pode ser encaminhada da melhor maneira possível, e creio que nós estamos conseguindo fazê-lo.

P — Quer dizer que o fato de a associação ser amadora não desestimula ninguém?

R — Não. No entanto,

certos profissionais brasileiros, principalmente os menos avisados, nutrem preconceitos contra os amadores. Em países como a França, por exemplo, os amadores prestam enormes serviços aos profissionais ortodoxos. Não somente na França, mas também nos Países Baixos, na América do Norte. Em tais países existe um intercâmbio direto entre amadores e profissionais. E não devemos esquecer que muitos profissionais foram amadores. As vezes, porém, os nossos observadores profissionais não têm sequer um encarregado de relações públicas. Nós mesmos temos recebido pedidos de órgãos importantes para orientar amadores, como é o caso do Instituto Astronômico e Geofísico de São Paulo. Existem amadores que praticam Astronomia por puro passatempo. Mas, por outro lado, há entre os amadores brasileiros pessoas de grandes conhecimentos astronômicos. Mesmo entre aqueles que praticam Astronomia por conta própria.

P — Como anda a Astronomia no Brasil?

R — A Astronomia brasileira está em grande parte estagnada, mesmo porque os atuais observatórios profissionais se encontram em centros de grande poluição luminosa. Tudo indica que somente a estação de Radio-astronomia de Atibala oferece melhores possibilidades. Espalhado por todo o Brasil vivem muitos amadores que do próprio bolso



pagam seus instrumentos e fazem suas pesquisas, o que é notável, embora nem sempre eles obtenham reconhecimento por parte de certos "sábios" brasileiros.

P — Por exemplo: o CEA já foi desacreditado em alguma previsão feita por seus amadores?

R — Já, sim. Com as coordenadas conhecidas conseguimos localizar o cometa Suzuki. E, na noite seguinte, o Mori. Em agosto do ano passado localizamos o Kobayashi. E aí é que entra a resposta à sua pergunta: quando localizamos o Kobayashi, conforme eu lhe disse, enviamos um aviso para um radiomador em Fortaleza e este comunicou ao Observatório Nacional. Pois bem, o Observatório manifestou extrema incredulidade. O problema é que eles anunciaram o aparecimento pela madrugada, e o cometa apareceu no início da noite. Ora, nós usamos os mesmos métodos que eles, os mesmos cálculos, os mesmos mapas, enfim, tudo igual. Por que então não acreditar no que fazemos?

P — Como se localiza um cometa?

R — Basta conhecer as coordenadas. Gastamos anualmente uns 500 cruzeiros com assinaturas de

revistas de alto nível, e são exatamente essas revistas que nos fornecem as coordenadas. Portanto, achar um cometa é coisa fácil, o difícil é achar um cometa novo e portentoso. Passamos, às vezes muitos e muitos anos. Por enquanto, não temos as condições encontradas nos grandes observatórios. Estamos procurando realizar o trabalho que nossos rapazes fazem aqui, principalmente combatendo o individualismo egoísta.

P — O senhor acredita, então, que por enquanto é impossível mantermos qualquer contacto com extraterrestres. Há quem diga, no entanto, que já fomos visitados.

R — De início, garanto-lhe que não acredito nos chamados OVNIs. Nenhum astrônomo, que eu saiba, viu um objeto dessa natureza. A menos que tal visão esteja relegada única e exclusivamente às pessoas que pouco ou nada entendem dessas coisas. Quanto ao fato de já termos sido visitados... Por quem? Existem provas? As pirâmides egípcias, dizem alguns, podem servir de provas, mas eu acho que as pirâmides egípcias foram levantadas por humanos. Levaram anos e anos, provavelmente gerações, mas eles conseguiram.

Reitor	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilo Benedicto de Vasconcelos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Diretor do DEC	Marcus Accioly
Redator-chefe	Manoel Neto Telxela
Redatores	Raimundo Carrero
.....	Angelo Montelero
.....	José Carlos Targino
.....	Angela Delouche
Diagramador	Josias Florencio da Silva
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural, órgão da Pró-Reitoria Comunitária, como veículo oficial de comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Livros, revistas, cartas e colaborações em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2º andar do edif. da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

Por uma Educação do Homem Urbano

SEBASTIÃO VILA NOVA

O que caracteriza a sociedade urbana como oposta à comunidade tradicional típica é o alto grau de complexidade da teia de padrões de comportamento que permitem a organização social, o que, colocando a mesma afirmação em outros termos, equivale a dizer que o meio social urbano é essencialmente heterogêneo. Assim, enquanto podemos, graças à homogeneidade do meio social rural tradicional, compor o que se poderia chamar na linguagem dos cientistas sociais de "tipo ideal", o mesmo não é tão fácil quanto ao homem da cidade. Não existe um homem urbano, como não existe um meio social urbano. Existem meios urbanos e vários tipos de homem urbano. Vários modos de vida simultâneos e nem sempre harmonizáveis entre si na cidade. Logo, quanto maiores os níveis de crescimento urbano, maior a complexidade e variedade dos padrões sociais de comportamento que regulam as relações interpessoais.

O crescimento urbano implica, portanto, no progressivo enfraquecimento do costume como meio de controle e organização social. Dessa maneira, a complexificação da vida social na cidade acarreta, senão o decréscimo dos níveis de organização social, a constante ameaça do surgimento de um número cada vez maior de áreas de desorganização social. Por esta razão, a ampliação dos meios formais legais de controle e organização social é uma imposição das condições de organização da vida social nas cidades.

No entanto, como sabem muito bem legisladores, juristas,

sociólogos, políticos e administradores, a norma legal por si só é insuficiente como forma de controle social. O caráter legal de uma norma social não a torna necessariamente mais eficiente do que a norma costumeira. Como a tradição é uma das causas mais eficientes de interiorização da norma na personalidade e de sua cristalização coletiva, pode até mesmo acontecer que alguma norma costumeira, logo não legal, venha a ter mais força sobre as formas de agir do homem do que uma norma legal sem o respaldo da tradição, princípio que pertence ao "feijão com arroz" da sociologia jurídica.

Está clara, então, a necessidade de programas sociais sistemáticos de aculturação do homem à cidade. Programas que venham adaptar o homem ao meio social urbano através da difusão de valores, crenças e atitudes que possam vir a formar um consenso normativo induzido nas coletividades urbanas, contribuindo, assim, para a redução da heterogeneidade das formas de vida da cidade e, em consequência, para a preservação dos níveis mínimos de organização social necessários ao bem estar individual e coletivo, excluindo, a tempo, a suposição ingênua de que o consenso social seja a única base da organização social. De qualquer modo, os programas de educação ou aculturação urbana nos parecem imprescindíveis como complemento necessário a outros programas que objetivem a melhoria da qualidade de vida do homem da cidade.

Academia entrega medalhas a escritores e poetas nas comemorações dos 75 anos

A Academia Pernambucana de Letras comemorou, a 26 de janeiro, sua data aniversária: 75 anos. O presidente, Mauro Mota, frisou em seu discurso, que as instituições, ao contrário dos seres humanos, quanto mais antigas mais cheias de vitalidade.

Dias antes, em reunião do Conselho, foi reeleita a diretoria para o biênio 1976/77, assim constituída: presidente, Mauro Mota; 1º vice-presidente, Nilo Pereira; 2º, Leduar de Assis Rocha; tesoureiro, Orlando Parahym; secretário-geral, Andrade Lima Filho; 1º secretário, Ruy Ayres Bello; 2º secretário, Fernando Pio dos Santos.

Também foram reempossados os membros das comissões: de Lexicografia, Costa Porto, Lucilo Varejão Filho e José Lourenço de Lima; de Publicações, Pinto Ferreira, Nelson Saldanha e Audálio Alves; de Contas, Carlos Moreira, José Carlos Cavalcanti Borges e Mons. Severino Nogueira; de Bibliografia, Gilberto Osório de Andrade, Waldemar de Oliveira e Flávio Guerra.

Medalhas, Troféus e Prêmios

Por ocasião das comemorações dos 75 anos, a Academia Pernambucana de Letras concedeu as seguintes medalhas: classe ouro, ao Diário de Pernambuco, a Ayrton Carvalho e Antônio Correa de Oliveira; classe prata, a Hindenburg Lemos, José Mário de Andrade e a Braz de Andrade.

Foi concedido o troféu "Mário Melo" ao Teatro de Amadores de Pernambuco.

Os prêmios "Othon Bezerra de Melo", de poesia, foram entregues a Paulo Bandeira Cruz, Angela Delouche e Jorge Wanderley, que agradeceu em nome próprio e dos demais. O prêmio de ensaio foi entregue a Manuel Correia e Mário Souto Maior.

O Prof. Hindenburg Lemos agradeceu a distinção que lhe fora concedida. O troféu "Mário Melo" foi entregue a Waldemar de Oliveira, por Andrade Lima Filho que se referiu aos tempos em que os "amadores" começavam a fazer teatro nesta cidade. O Prof. Waldemar de Oliveira agradeceu, lembrando os pontos altos da vida teatral do grupo que fundou e que agora culmina com teatro próprio para suas apresentações.

SUDECO promove I Concurso de Monografias para os Estudantes Universitários

A Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste (SUDECO) realizará, no período de 20 de janeiro a 31 de março do corrente ano, sob o patrocínio do Ministério do Interior, o I Concurso de Monografias para Estudantes Universitários. O empreendimento vem determinar que seja cumprida uma portaria baixada pelo Ministro Rangel Reis, a qual prevê a participação de qualquer universitário brasileiro matriculado no ano de 1975, e cuja conclusão do curso somente venha a ocorrer a partir de julho de 1976.

Objetivo

O Concurso busca estimular na classe estudantil das universidades brasileiras o gosto pela pesquisa e conhecimento exato do trabalho que vem sendo desenvolvido pelos diversos órgãos vinculados ao Ministério do Interior, nos seus vários setores de atividade, fazendo com que esses jovens se integrem num trabalho profícuo, e que visa, em última análise, ao desenvolvimento econômico e social do Brasil.

Temas & Prêmios

Os trabalhos versarão sobre as atividades desenvolvidas pela SUDECO. Assim, o tema será "A Ação da SUDECO no Desenvolvimento da Região Centro-Oeste", e as diretrizes serão as seguintes: 1 — Legislação do órgão; 2 — Caracterizações física, social e econômica; 3 — Orientação da SUDECO para o planejamento regional; 4 — Concepção de Áreas — Programas; e 5 — Programas Especiais do Governo Federal.

Os três primeiros colocados receberão prêmios de dez mil, cinco mil e dois mil e quinhentos cruzeiros, respectivamente.

A inscrição e apresentação dos trabalhos deverão ser efetuadas entre os dias 20 de janeiro e 31 de março. Por outro lado, será obedecida a seguinte sistemática: — Presença pessoal do candidato interessado, ou através de correspondência dirigida à Comissão Organizadora do Concurso, que funcionará na Administração Central da SUDECO; 2 — Por ocasião da inscrição, que se verificará através da entrega do trabalho, o candidato deverá comprovar, mediante a apresentação de documento hábil, fornecido pela instituição de ensino superior, sua condição de aluno matriculado no ano de 1975, e que a conclusão do curso somente ocorrerá a partir do mês de julho de 1976; 3 — A monografia deverá ser datilografada em duas vias, em tamanho ofício e espaço duplo, com um mínimo de cinquenta e máximo de cem páginas, excluídas as relativas a bibliografias e aos anexos; 4 — A segunda via será identificada por pseudônimo e deverá ser entregue ou encaminhada à Comissão Organizadora, acompanhada de envelope lacrado contendo o original do trabalho; 5 — O envelope lacrado, que somente será aberto após o julgamento final de todas as monografias apresentadas, deverá conter o nome do autor, universidade ou faculdade isolada a que pertence, curso que está fazendo, número do documento de identidade, número do CPF se for o caso, endereço residencial ou profissional, título da monografia e pseudônimo utilizado; e 6 — O não cumprimento das normas aqui previstas implica na desclassificação sumária da monografia apresentada, a qual será devolvida ao autor.

MEC assiste estudantes pobres

O Ministro Ney Braga, da Educação e Cultura, acaba de comunicar oficialmente ao Reitor Paulo Frederico do Rego Maciel, da Universidade Federal de Pernambuco, a decisão do Presidente Ernesto Geisel em lançar o Programa de Crédito Educativo, destinado a ajudar os estudantes brasileiros carentes de recursos financeiros. No ato da comunicação ficou claro que o Programa não retrá nenhum benefício de que os alunos desfrutam, não obriga ninguém a recorrer a ele e não pretende extinguir a gratuidade dos estabelecimentos oficiais. Formalizado em Resolução do Conselho Monetário Nacional, a decisão presidencial será posta em prática ainda no ano letivo de 1976. Inicialmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Comunicando

Disse o Ministro: "Para rece-me desnecessário ressaltar o grande alcance social do Programa de Crédito Educativo, em favor do estudante carente de recursos. Espero, assim, que Vossa Magnificência colabore da mais decisiva forma para o pleno conhecimento dos aspectos substantivos e adjetivos do Programa. Com esse objetivo, espero ofereça todas as facilidades aos representantes deste Ministério ou da Caixa Econômica Federal, que supervisionará financeiramente a execução do Programa, e que venham a manter entendimento com essa instituição com vistas à implementação deste".

E concluiu: "Por oportuno, esclareço que a execução do Programa será realizada por intermédio da rede bancária, segundo os critérios gerais e que serão fixadas pelas autoridades monetárias, com base em proposta deste Ministério. Essa execução obedecerá a normas idênticas e em igualdade de condições para todos os agentes financeiros designados: a própria Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil e os Bancos Comerciais — estes, quando aderirem ao Programa nos termos da Resolução do Conselho Monetário e instruções complementares. Nenhum compromisso deve, em consequência, ser assumido previamente, com qualquer instituição de crédito, para execução do Programa, cuja implementação, acompanhamento e controle serão coordenados pela Caixa".

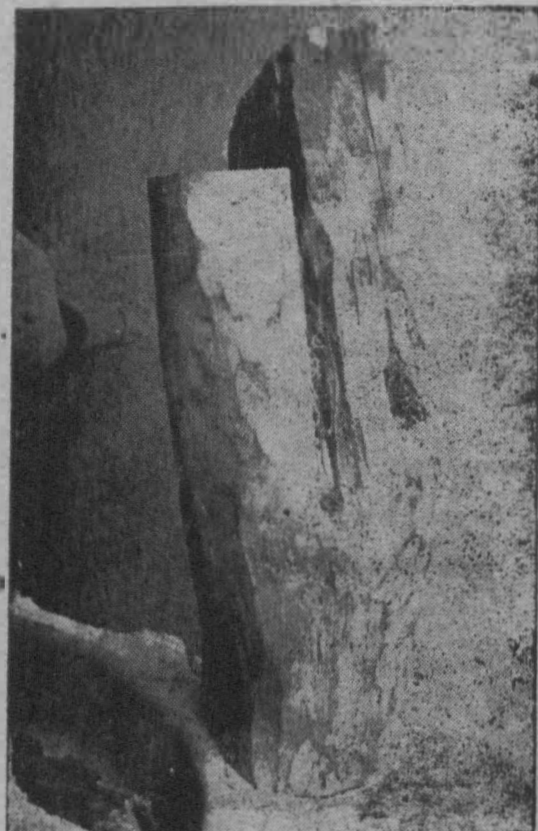
Crédito só para os carentes

Através de processamento por computador, os candidatos serão classificados entre os que necessitam ou não necessitam do crédito. Os primeiros se habilitarão segundo os indicadores colhidos em formulário próprio, a respeito de suas condições socioeconômicas.

Para o período compreendido entre os anos de 1976/79, o Programa engloba recursos estimados em 10 bilhões e oitocentos milhões de cruzeiros.

Portanto, será beneficiado todo e qualquer brasileiro que, residindo nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, provar que não dispõe de recursos financeiros para cursar escolas superiores.

Crutac vê condições para aproveitamento industrial do avelós



A madeira: tem várias utilidades

O Crutac-PE está interessado no beneficiamento popular do avelós, como matéria-prima para indústria de transformação em papel, celulose, madeira sintética e outros produtos, de acordo com as pesquisas nesse sentido desenvolvidas desde 1936 pelo professor e tecnólogo Augusto Farias, que continua estudando essas possibilidades no seu Laboratório de Criatividade "Delmiro Gouveia", no Engenho do Meio.

Com autorização do Pró-Reitor de Assuntos Comunitários Professor Sebastião Barreto Campelo, o Crutac-PE já entrou em entendimento com a fábrica de papel e papelão ondulado de Beberibe que prometeu cooperar na execução do projeto elaborado pelo Prof. Augusto Farias, com a ratificação da Universidade Federal de Pernambuco.

AMOSTRAS

O Laboratório "Delmiro Gouveia" preparou várias amostras de produtos extraídos do avelós, desde a matéria-prima para grande indústria até a elaboração de papel e cartões artísticos, destinados a convites, diplomas e confecção de livros, tudo à base de fibras de avelós, com características superiores aos produtos similares importados da Europa, conforme ficou demonstrado.

"Reputo o avelós como a planta mais importante do mundo. Mesmo sem contar com maiores recursos técnicos, consegui extrair 41 produtos da referida euforbiácea, cujas amostras foram exibidas nas vitrines das casas comerciais da

Capital pernambucana, nos dias de 1959, com o incentivo do meu saudoso amigo comendador Artur Lundgren, um entusiasta pela indústria de celulose e papel em Pernambuco, embora seu ramo de atividade fosse outro" — lembrou o Professor Farias.

Outra passagem importante da temática do avelós, com repercussão nacional, foi por ocasião da inauguração do Jardim do Largo da Carioca, no Rio de Janeiro, oportunidade em que o Prof. Farias plantou exemplares desse vegetal como uma homenagem do Nordeste ao então Distrito Federal, justamente na data em que se comemorava o Dia da Árvore, ele que representava, na ocasião, a Confederação Nacional da Indústria, cedido pela repartição de origem — o Ministério da Agricultura. Justificou que escolheu o avelós para fazer a homenagem, por considerá-la a planta de maior utilidade no que diz respeito às suas possibilidades agro-industriais.

A convite do 21º Congresso Nacional de Botânica realizado em João Pessoa, o Prof. Farias apresentou considerações sobre

o avelós e a sua influência econômica para as áreas do Polígono das Secas, tendo inclusive revelado a viabilidade de emprego de algumas das propriedades do avelós na indústria farmacológica.

Foi premiado pelo então ministro Cirne Lima, da Agricultura, pelos seus trabalhos prestados naquele Ministério, incluindo-se o aproveitamento integral do avelós.

EMPREGOS

No campo do latex tem o avelós um aproveitamento semelhante com a resina guta-prech, produzindo

vernizes, colas, adesivos; a sua madeira tem sido testada na fabricação de papel kraft, celulose, pasta mecânica e madeira sintética; os caules finos estão sendo levados agora como matéria-prima para a confecção de papéis artísticos; o seu parenquima tem sido usado para forragem e adubos. O avelós ainda é um adubo composto e fertilizante e corretivo do solo, com elevado teor de nitrogênio e valor mineral obtido das cinzas da própria planta. Ultimamente, discutem-se os seus empregos terapêuticos, com resultados positivos já comprovados.



Farias vê nos galhos e na madeira do vegetal amplo aproveitamento.

Em contatos com o Prof. Farias, o diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, poeta Marcus Accioly, manifestou interesse de promover oficialmente o plantio de exemplares do avelós em Brasília, com o mesmo significado de uma homenagem do Nordeste ao Distrito Federal. Marcus Accioly é um entusiasta do avelós, tanto que no seu livro *Nordestinados* escreveu estes versos:

No Agreste, o avelós
É em terra nativa,
E, pelo seu contraste,
Seu verde mais se ativa.

Contrário às outras plantas
Seu verde é sempre novo,
E acende, em vez de folhas,
Os seus dedos de fogo.

E acende, em vez de folhas,
O leite que se excede.
É a trança desflorida
Dos seus cabelos verdes.

Espécie de espantinho
No milharal mortiço,
Que após tanger os pássaros,
Espanta homens e bichos.



Farias mostra uma das etapas do processo de industrialização do avelós.

Sergio Leone e o "western spaghetti"

Nada menos que 77 westerns foram produzidos na Europa durante o ano de 1968. A estatística do ano seguinte acusa 74. Em 1970, aproximadamente uma centena desses indefectíveis produtos tomaram de assalto as telas ocidentais. No entanto, a partir dos últimos dois anos, talvez devido ao crescente número de kung-fus e karatês chineses lançados no mercado cinematográfico mundial, diminuiu em demasia a produção de westerns italianos. E ainda bem. Ou não? A resposta pode ser fornecida a partir de noções mais ou menos generalizadas a respeito desse tipo de western.

Sabe-se que o western italiano veio substituir integralmente gêneros populares tradicionais nos últimos dez anos. Ursus, Maciste, Hércules cederam seus privilegiados lugares a Ringo, Gringo, El Cisco, Django. Esse autêntico "boom" industrial tomou assento em bases nitidamente artificiais: entre 1961 e 1964, Hollywood praticamente deixou de produzir seus memoráveis e legítimos westerns, e a fronteira americana foi "usurpada" a troco de um punhado de dólares (Paulo Perdigão); nós filmes patrocinados em massa os produtores injetaram um estilo uniforme de violência e uma falsa reprodução de situações históricas que apenas vieram ilustrar sua inautenticidade cultural; aos cineastas e atores acharam por bem inventar pseudônimos sintomaticamente persuasivos para a embalagem do produto e trocar pela dublagem em inglês a gravação direta.

Um pouca da culpa, porém, cabe ao próprio cinema americano. Em 1958, o admirável Raoul Walsh foi ao deserto da Alméria (Espanha) rodar *Os Apuros de um Sheriff* (The Sheriff of Fractured-Jaw) e, sem maiores intenções, alertou os produtores europeus quanto à possibilidade de impor alguns retoques à paisagem, abrindo aqui e ali os "small towns" de casas de madeira, sem que o público percebesse a diferença.

Não se pode deixar de reconhecer que, pela insistência, o western italiano acabou por erguer à sua volta certas marcas estilísticas. A par da violência sádica, fez derivar a figura de um herói vingador movido pelo ódio. O amor existe aí apenas de maneira eplúrdica. O homem no western americano — o herói inadaptado e nômade cuja representação mais vigorosa se encontra em *Shane* — transforma-se aqui no indivíduo superadaptado que sabe vencer com facilidade e estardalhaço os seus oponentes

e tirar o melhor lucro de sua aventura.

"No western americano legítimo, parte-se de um problema coletivo (uma cidade subjugada) e chega-se a uma solução individual (o herói salvador), enquanto que, no far-west europeu, parte-se de um problema particular (o homem que enfrenta uma quadrilha) e alcança-se uma solução coletiva (a luta do indivíduo contra uma sociedade despersonalizada)", diz o crítico Paulo Perdigão. E quem conhece um western legítimo sabe perfeitamente que o gênero americano por excelência só pode ser perfeito quando manipulado por diretores americanos. Um John Ford. Um Delmer Daves. Um Raoul Walsh.

Mas os italianos também obtiveram sucesso. E de crítica, o que não deixa de ser notável. Em 1964, o célebre *Cahiers du Cinéma* aplaudiu estrepitosamente a um western italiano intitulado *Um Punhado de Dólares*. Seu diretor, o napolitano Sergio Leone, estreara quatro anos antes com o super-espetáculo pseudo-histórico *O Colosso de Rodes*. Agora, aos 44 anos de idade, mais forte e entusiasmado do que nunca, ele prepara *Era Uma Vez na América*, versando sobre um outro tema essencialmente americano: o gangsterismo. A seguir, alguns trechos de uma entrevista de Leone concedida ao jornalista brasileiro Marco Antônio de Rezende, da revista semanal VEJA. El-los:

Homero como roteirista

MARCO ANTONIO DE REZENDE — O senhor disse, certa vez, numa entrevista, que decidiu passar à direção porque corria o risco de tornar-se o mais velho dos promissores assistentes de direção da Itália. Foi um passo difícil?

SERGIO LEONE — Não creio ter dito exatamente isso. Talvez num sen-



Cena do filme "Passagem para o Inferno", do italiano Rafale Romero Marchant.

tido irônico apenas. Você sabe que, hoje em dia, qualquer um pode acordar de manhã transformado em diretor de cinema. No meu tempo, ao contrário, quando havia respeito por esta profissão, procurávamos passar à direção só quando nós mesmos estávamos conscientes de nossa maturidade. Essa é a razão pela qual eu mesmo retardei minha passagem à direção. Já me haviam proposto dirigir o primeiro filme aos 24 anos, mas só aceitei cinco anos depois.

MAR — Mas maturidade em que sentido? Orson Welles fez "Cidadão Kane" quando tinha 25 anos, e muitos outros cineastas produziram obras-primas nessa idade.

SL — Sim, mas são exceções. Além do mais, eu também poderia ter assinado meu primeiro filme aos 24 anos, sobretudo considerando o que faziam os outros. É que eu esperava uma prova muito mais concreta de mim mesmo. A procura de um tema que me fosse, digamos, congênito. Depois, a segurança e a vontade, ao menos de minha parte, de estrear com um filme que fosse interessante num âmbito relativamente amplo. Tanto é verdade que o primeiro filme que fiz, "O Colosso de Rodes", e que consistiu, pelos seus objetivos comerciais, em um filme "alimentar" — fiz exatamente porque me abria um mercado internacional. Poderia muito bem ter feito um filme engajado, mas cujo sucesso — se o conseguisse — estaria limitado à Itália. Depois do êxito de "O Colosso", foi exatamente para não instrumentalizar-me, especializar-me, que recusei várias propostas de fazer outros filmes históricos ou pseudo-históricos. Pois você sabe que nós, diretores, somos mais mercados pelo sucesso que pelo insucesso: o sucesso ninguém perdoa, enquanto o insucesso às vezes é perdoado. De fato, de 1960, ano em que fiz minha estreia, até 1964, voltei a fazer roteiros, deixando de dirigir sete ou oito filmes que me propunham por ano. Naturalmente, eram todos filmes sobre a antiguidade romana, que eu não queria mais fazer.

MAR — Mas o western, — seu filho posterior — lhe seria mais congênito que a antiguidade romana?

SL — O western, na minha opinião, é um extraordinário veículo de mensagem. Sem dizer que pela sua gigantesca difusão não pertence mais à América, mas a todo o mundo. Depois, pelos temas que encerra, aproveitando-se da força do veículo, do público já conquistado em todo o mundo, pode-se falar inclusive de outras coisas, isto é, dos fantasmas que cada um de nós leva dentro de si. Pode-se colocar num western tudo aquilo que se quiser, porque é um veículo formidável.

MAR — Mas o senhor tentou dar aos seus westerns mais autenticidade, filmando com atores americanos, nos Estados Unidos, por exemplo.

SL — Procurei mais autenticidade porque me formei numa corrente neo-realista. Assim, é natural que minha formação estrutural e cultural esteja ligada a uma certa realidade. O meu "coquetel", porém, é feito com a união da realidade e da fantasia para produzir filmes que não podem ser chamados de históricos. Porque pertencem sempre a um mundo fabulístico. Fabulístico num sentido simbólico. Porque nele, como disse, coloco todas as coisas que me interessam, inclusive temas que nos dizem respeito muito de perto.

MAR — Contudo, parece-me difícil encontrar um tema italiano num western.

SL — Não é verdade. Se você viu, por exemplo "Quando Explode a Vigança", encontrou muitos fantasmas italianos. Quero dizer, pode-se falar da Itália mesmo sem mostrar na tela Roma,

Florença, Veneza, apenas tocando em temas que são mais clássicos. E, considerando que o tema "revolução" apresenta tradicionais ligações com o México (exatamente por uma tradição cinematográfica), tomei de empréstimo o tema mexicano abordando — era o que me interessava — a relação entre um intelectual e um peón, um ingênuo, diante de um fato político bem determinado.

MAR — E de onde vêm suas preocupações sociais? Seriam heranças das atividades antifascistas de seu pai?

SL — Sem dúvida. É claro que as minhas desilusões, sobretudo socialistas, meu pai era socialista e eu também, nasceram depois da Guerra, quando pensávamos que a Itália seria colocada em trilhos diferentes. Infelizmente, falharam os homens certos, os ideais se esfacelaram em barreiras teóricas. Portanto, é claro que falo sempre de minhas desilusões, e acabo abordando esses temas no western.

MAR — Por outro lado, seu longo relacionamento com o western poderia ser interpretado como uma espécie de alienação, talvez uma alienação cultural. Ou não?

SL — O western em si não tem mais sentido. Está despojado de seus limites nacionalistas. Quando realizei "Por Um Punhado de Dólares", me vi diante da comédia dell'arte italiana, encontrei Goldoni, porque a situação era a mesma da sua comédia "Ariquim, Servidor de Dois Amos". Sempre digo que os grandes temas são clássicos. Para mim Homero é o maior roteirista de westerns que jamais existiu.

Bogdanovich já era

MAR — Quais são os jovens diretores que admira?

SL — Bem, preciso muito um jovem americano, Steven Spielberg ("Tubarão"), autor de dois ou três filmes muito bons. Na Itália, gosto de Marco Bellochio ("De Punhos Cerrados"), que na verdade já não é tão jovem assim (nasceu em 1939) nem é um estreante. Mas, além desses, não sou capaz de citar outros nomes. Devo dizer que apreciei o trabalho do brasileiro Glauber Rocha em "O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro", um filme muito correto.

MAR — E o que pensa de Peter Bogdanovich e seu culto ao cinema, digamos, clássico?

SL — Seu primeiro filme, "Na Mira da Morte" ("Targets"), tinha algumas qualidades, um certo clima hitchcockiano. Depois, no entanto, ele revelou-se apenas um mestre da colagem, um perfeito rato de cinemateca. Em cada filme seu é possível reconhecer o estilo de pelo menos dezesset grandes diretores do passado. Além disso, depois de nosso incidente profissional, tomei-me de insuperável antipatia por ele.

MAR — Que incidente?

SL — Em 1969, eu iria finalmente realizar meu sonho de produzir um filme, "Quando Explode a Vigança". Você sabe que nos velhos tempos de Hollywood o produtor era o verdadeiro artefeto do filme. Definia o gosto e o estilo da obra. Escolhia o roteirista, o elenco e o diretor. Supervisionava rigorosamente a montagem e a edição final e assumia corajosamente a responsabilidade do sucesso ou do fracasso. Bem, com o financiamento na mão, a United Artists, que iria distribuir o filme nos Estados Unidos, me mandou um jovem diretor, ex-critico, chamado Peter Bogdanovich. Segundo declarações de seus patrocinadores, mesmo tendo dirigido um só filme até então, estava destinado a tornar-se o Fellini americano dos anos 70. Foi uma experiência terrível.



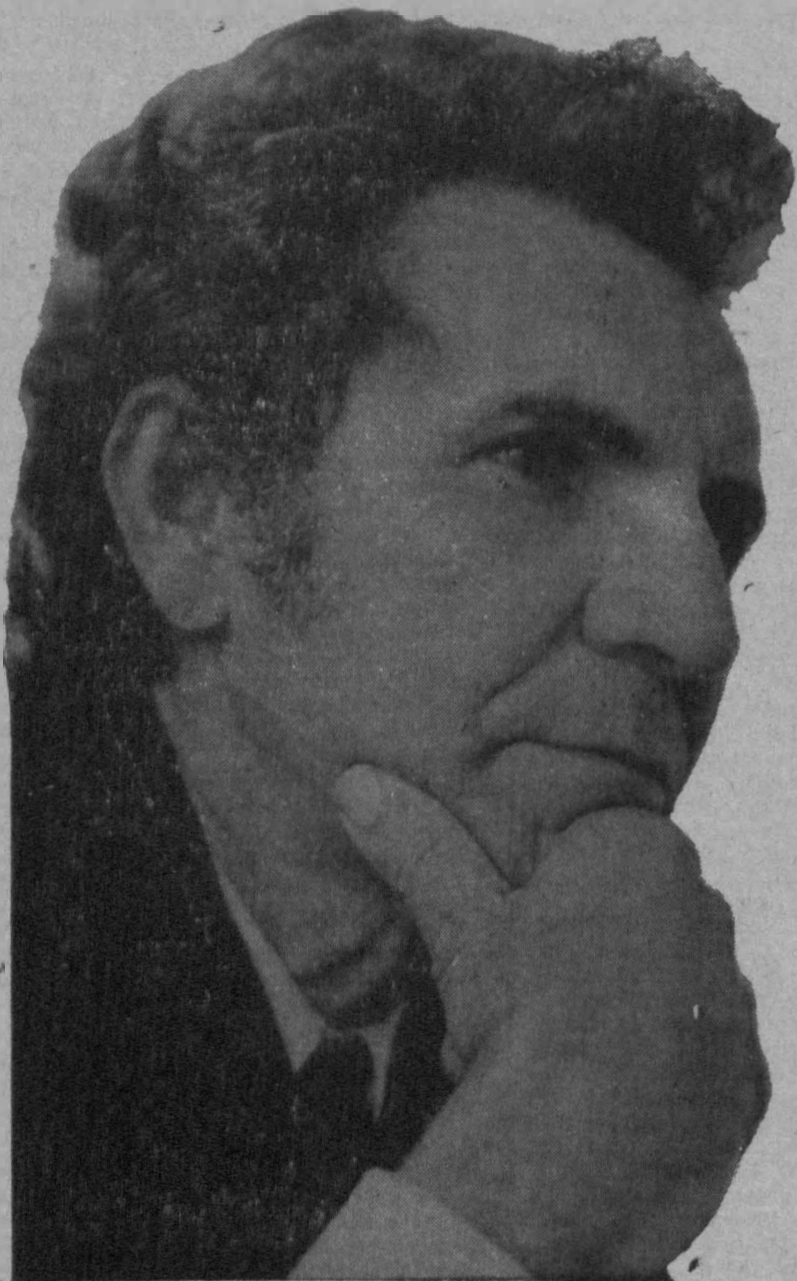
Cena do filme "Três Homens em Conflito", de Sergio Leone, o mais elogiado entre os diretores de westerns italianos.

Mestrado em Letras já funciona este ano sob a coordenação de César

O Mestrado de Letras da UFPE, projetado e coordenado pelo Professor César Leal, inicia suas atividades a 8 de Março. Dos 40 candidatos inscritos para a primeira turma, vindos de vários Estados da Região, 20 foram selecionados, dos quais 10 optaram por Teoria da Literatura e 10 por Linguística, sendo, portanto, o primeiro curso na área com caráter científico, vez que abrange duas áreas nucleares no âmbito dos estudos literários.

Dotado de um corpo docente e de alto nível, o Mestrado de Letras está agora fazendo gestões através da sua coordenação, para conseguir instalar um laboratório especializado, indispensável à pesquisa e ao ensino.

Justificando a sua iniciativa, o Professor César Leal declarou:



O coordenador de Letras

Sob o impacto da revolução tecnológica, o desenvolvimento dos estudos lingüísticos e literários ocupa, na Universidade moderna, uma posição singularíssima. Se todas as ciências foram afetadas por essa revolução — tão ampla em seus objetivos e tão fantástica em seus resultados — não poderia

escapar a essa conjuntura o estudo da linguagem, especialmente a linguagem expressiva destinada não a mera comunicação de massas, mas como registro da vida espiritual de um povo em seu coeficiente mais elevado: a Literatura. Nas sociedades mais altamente desenvolvidas, todos os filósofos e humanis-

tas vêm demonstrando que os estudos literários e lingüísticos buscam propagar padrões através dos quais os homens possam na era tecnológica, distinguir o falso do verdadeiro. Cabe à ciência da Literatura a responsabilidade de distinguir a diferença entre a comunicação de massas para o controle dos homens e a redescoberta da condição humana nas artes vivas.

Dai porque não se pode compreender a existência de uma Universidade moderna, cujo Departamento de Letras se limite apenas as tarefas da graduação, não devidamente equipado para os trabalhos de pesquisas no campo da Ciência da Literatura. Sendo essa ciência definida ou conceituada como Ciência do Espírito, ao contrário das Ciências da Natureza, não necessita senão de uns poucos instrumentos para que possa adaptar-se a todas as exigências impostas pelo rigor da investigação que lhe cabe fazer. Os estudos literários têm sido apontados, por técnicos de visão demasiadamente estreita, como desnecessários, por não contribuírem para o enriquecimento social, por sua incapacidade em criar bens de consumo e não possuírem utilidade econômica. Na realidade, assim não pensam os que orientam a política cultural dos povos mais desenvolvidos. A Universidade sendo um todo integrado, terá de sofrer deficiências em todos os seus Departamentos científicos e tecnológicos, se permitir a decadência dos estudos lingüísticos e literários, pois o cientista não pode — como diz o poeta Ezra Pound — revelar suas descobertas com eficácia, o político não pode governar, os homens não podem entender-se sem a linguagem, e todas as suas ações são influenciadas pelos defeitos e virtudes do idioma. É fato comprovado ter sido a Filosofia a disciplina responsável pelo desenvolvimento da ciência na Alemanha, a partir de 1800.

Na Universidade Federal de Pernambuco, o Departamento de Letras possui um corpo docente altamente qualificado, bastante acima de seus treze (13) professores titulares que, embora não possuindo cursos de pós-graduação, dispõem de uma experiência docente que mantém memória de mestrado de pós-graduação de nível superior. Além dos 13 titulares, dispõe o Departamento de cinco adjuntos e dez Assistentes, e um número suficientemente forte de professores Auxiliares de ensino. No total do corpo docente, onze são portadores do título de Mestre e dez (10) doutores, além de críticos e poetas nacionalmente conhecidos e com trabalhos publicados em revistas da cultura do país e de estrangeiras, apesar dessa última situação em recursos humanos, o Departamento de Letras dispõe de equipamentos que possibilitam o estudo sistemático da linguagem e da literatura em todos os aspectos capazes de proporcionar eficiência prática — com o estudo e pesquisas de nível de pós-graduação. Mas como equipamentos chegaram em plena, envolve um moderno laboratório de linguas, o que virá a ser o Departamento de Letras por mesmo nível dos Departamentos de ciências, no que se relaciona com recursos materiais.

Corpo Docente

O corpo docente do Mestrado de Letras é composto pelos professores César Leal, escritor, poeta e crítico literário, autor de várias obras, editor fundador do Diário de Pernambuco, Geor Brown, Mestre em Literatura de Língua Inglesa pela Universidade de Indiana (USA), Germanista e anglicista; Leonidas Câmara, titular da Universidade Católica de Pernambuco, crítico literário e contista; José Pontes, crítico literário, bacharel em Direito e Licenciado em Letras; George Brown, Ph. D. pela Universidade de Tulane, Mestre em Educação pelo Peabody College, de Nashville, Tennessee, e bacharel em Direito e em Filosofia; Alan M. Costa, Mestre em Literatura Norte-Americana pela Universidade de Carolina do Norte e bacharel e licenciado em Letras Anglo-Germânicas; Adair P. Falácio, Master of Arts for Teachers — Indiana University e bacharel em Ciências Jurídicas e em Letras; Maria Gabriela M. Ariz, doutora em História pela Universidade de Valência (Espanha) e licenciada em Geografia e História; Geraldo Lependa, bacharel e licenciado em Letras, bacharel em Direito e Filosofia e professor de várias línguas; Padre Romeno Peres, titular de língua e Literatura Espanhola, graduado em Filosofia e Teologia no Colégio Internacional de Santo Alberto (Roma), ensaísta, autor de vários trabalhos; Rául de Moura, Mestre em Lingüística pela Universidade de Michigan, bacharel e licenciado em Letras Anglo-Germânicas; Humberto Lobo Nevelino, Mestre em

Lingüística pela Universidade de Michigan, bacharel e licenciado em Letras Anglo-Germânicas; Waldemar Araújo, Ph. D. pela Universidade de Wisconsin, Madison, USA licenciado em Matemática; Roberto Martins, Mestre em Sociologia e Mestre em Comunicação e Sociologia pela Universidade de Michigan, bacharel em Direito; Manuel Fernandes Costa, licenciado em Ciências Históricas, Filosóficas, Sociais e Políticas e graduado em Pedagogia; Lúcia Lima, Mestre em Filologia Lingüística pela Universidade de Tulane, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais; Leiza Gomes, Mestre em Educação pela Universidade de Michigan, licenciada e licenciada em Letras Neolatinas, bacharel em Direito; Olyber Lameira, Mestre em Letras pela Universidade de Paris; Maria Nidia de Camargo Borges, bacharel em Letras Neolatinas e curso superior de Língua e Literatura Inglesa; Eunice Pessoa Bechara, doutora em Letras, Mestre em Filologia Românica e doutora em Direito; José Brasileiro T. Vilanova, Doutor em Letras e em Direito, bacharel e licenciado em Letras; Daniel de Sousa Lima, lingüista e poeta; Maria Lezíria Justina Azevedo, bacharel e licenciada em Letras Neolatinas e Mestre em Letras Modernas pela Universidade de Paris; Roldão Bezerra Coutinho, Doutorado em Direito e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Geografia também prepara técnicos de alto nível para o Norte e Nordeste



O coordenador de Geografia

A Universidade Federal de Pernambuco implanta, também, o Curso de Mestrado em Geografia, que funciona a partir deste ano, sob a coordenação do Professor Manuel Correia de Oliveira Andrade. Destina-se à preparação de técnicos de alto nível para atender a demanda de geógrafos qualificados em todo o Norte e Nordeste.

O Curso oferece três especializações: Geomorfologia, Geografia Agrária e Geografia Industrial. Conta com um corpo docente de alto nível, entre outros, Gilberto Osório de Andrade, Mário Leocádia de Melo, Dárdano de Andrade Lima, Sylvio Marcelo de Albuquerque Maranhão, Gácliel Ferruci, Renato Santos Duarte e Alcides Nogueira Pinhal.

OPINIAO

O Professor Manuel Correia de Andrade, que participou recentemente, de um congresso de geógrafos realizado na cidade belga de Liège, tendo apresentado trabalho sobre a formação do geógrafo e as possibilidades de trabalho profissional no Brasil, faz uma análise sucinta do problema.

No Brasil, estamos formando dois tipos de geógrafos: o licenciado, destinado ao ensino, e o bacharel, para o ensino, pesquisa e planejamento científico. Já funcionam os cursos de pós-graduação em Geografia nas Universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Para o geógrafo profissional, o mercado de trabalho encontra-se em expansão no Brasil, sobretudo devido à orientação regionalizante do planejamento do Governo Federal, o que enseja a procura de geógrafos pelas agências de desenvolvimento dos Governos Federal e Estaduais.

Nos últimos dez anos, a Geografia vem tomando uma orientação no sentido de aplicar os conhecimentos científicos à análise dos problemas, tentando planejar a solução desses mesmos problemas. É grande a participação de geógrafos nos órgãos ligados à política governamental de desenvolvimento urbano. Também, equipes de geógrafos participam dos trabalhos de organização do espaço rural desenvolvidos pelo Inra. A Student utiliza geógrafos não só na Divisão de Recursos Naturais como também na Coordenação de Planejamento Regional. O Condepe possui uma Divisão de Estudos Regionais e, os vários Estados do Nordeste, estimulados pela Student, vêm fazendo estudos de regionalização.

A Sé de Olinda data de 1535. Dedicada a São Salvador, foi, primitivamente, uma pequena igreja, construída em madeira e taipa de mão, por iniciativa de Vasco Fernandes de Lucena. Sabe-se que possuía apenas uma nave, capela-mór e sacristia.

Posteriormente, pretendeu-se construir uma igreja maior em material mais permanente, tanto que Fernão Cardim, em 1585 diz: "uma formosa igreja matriz de três naves, com muitas capelas ao redor, e que, acabada ficaria uma boa obra".



O grande sino emblemático da Sé voltará a soar no alto da colina.



Fachada do Palácio dos Bispos, no alto da Sé, destina-se a museu sacro.

Angela Delouche

Olinda Quinhentista



Portada lateral da Igreja do Carmo, de Olinda, extraordinariamente semelhante à gravura de Franz Post, na tela denominada "Olinda", atualmente no museu de Amsterdã.

Em 1599, sabe-se, a nave foi ampliada, sendo destruída a de taipa. Entre 1612 e 1616 foi construída a sacristia e uma barbaça. Em 1621, com a elevação da torre, o templo estava concluído. Dez anos depois, sob o domínio holandês foi incendiado.

Frangulas religiosas

No tempo de Nassau, tempo das frangulas religiosas, a Igreja readriu suas portas ao culto dos fiéis, ainda que em ruínas, desleixada, invadida pela vegetação. Não sabemos que arranjos foram feitos no interior, possivelmente alguma cobertura improvisada contra os rigores do clima no alto descampado, mas a verdade é o que nos mostra a tela "Olinda" de Franz Post, atualmente no "Rijksmuseum" de Amsterdã: a belíssima portada de colunas bigeminadas e de ático interrompido, com lapide no centro, de impressionante semelhança com as Igrejas portuguesas de São João Novo e a do Colégio dos Jesuítas — esta conhecida como Igreja dos Grilos — ambas no Porto e executadas por Baltazar Álvares, no século XVI.

Com a expulsão dos holandeses (1654), a vida vai sendo retomada, a cidade procurando ressarcir-se dos danos e prejuízos sofridos. Um dos primeiros cuidados dos olindenses foi o de recuperar a sua Igreja matriz, dedicada a São Salvador. Logo em 1655 tem início a reconstrução. No ano seguinte, carta-regia de 23 de setembro, dava autorização à Câmara para que tirasse 2.000 cruzados de suas rendas, para as obras da Igreja. Três anos depois, em 1669, foi rezada a 1.ª Missa.

A Matriz de São Salvador passa a Catedral

Em 1675 a Igreja matriz foi elevada a Catedral, com a criação do primeiro bispado de Pernambuco. Outra carta-regia autoriza a compra de ornamentos, prata, tintos e outras coisas necessárias à Igreja do Salvador.

Os melhoramentos se sucedem: o forro de madeira, a conclusão das torres, as talhas para embelezamento dos altares e das fachadas interiores das portas e a aplicação de azulejos na nave.

Desnaturalização

A catedral de Olinda, a Sé, uma reliquia do século XVI, imponente na sua pureza de linhas foi totalmente descaracterizada pelas duas reformas que sofreu no século atual, a partir de 1911. Deram-

lhe primeiro feição neo-gótica, posteriormente feição neo-barroca. Na realidade, não ficou sendo, nem uma coisa nem outra.

Recuperar o monumento histórico revestido das suas não muito felizes inovações, restituir a Igreja do século XVI tal a que se propôs a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDAPE).

Até a chegada dos holandeses, Olinda possuía onze conventos, com suas Igrejas — acima de nossa antiga capital, só estava Salvador, na Bahia — foi essa massa incendiada, parte em ruínas que Franz Post reproduziu em suas telas. Em livro sobre o pintor holandês, Joaquim de Souza Leão comenta: "as massas destelhadas dos Carmelitas, à esquerda, e dos Beneditinos ao centro, junto ao mar. Imponentes ruínas no alto das colinas, onde os frades se isolavam para meditar em paz e gozarem da vista e dos ares". Olinda, terá, dentro em breve a sua Igreja catedral reconstruída no gosto quinhentista, um monumento em pedra de que podemos nos orgulhar.

Para uma ideia bem realista do que é a Sé, passamos a palavra ao Prof. José Luiz Menezes: "A Igreja Catedral de Olinda é de três naves, separadas por arcadas que repousam sobre colunas toscanas, com capela-mór de planta quadrada, que recebe uma cúpula assente sobre pendentes esféricos e capelas colaterais à mor, correspondendo às duas naves laterais, cobertas de abóboda de berço, tendo quatro capelas de cada lado, simétricas e inclinadas segundo cada tramo de arcada, cobertas também de berços, confirmadas nas prospecções iniciais. Duas torres laterais o corpo central da frontaria, cuja composição muito sóbria, tem, correspondendo a cada nave, três portas, a central tem arco de meio ponto, envidada com portada cuja composição utiliza duas colunas coríntias de tipo singular que sustentam um entablamento, o qual monta acima do arco da mesma. Na prumada desta portada situa-se um grande óculo que ilumina a nave alta, iluminada lateralmente também através de setéras



A Sé, de Olinda, em fase final de restauração que a devolverá ao século XVI.

simétricas situadas acima da cimalha e na diferença de altura dos telhados".

A Sé de Olinda, em sua fechada composição, voltada para o caminho de luz que da porta principal leva à capela-mór, iluminada, por sua vez, pelo lantermim da cúpula, volta a readquirir a sobriedade que se acredita tenha sido a dos seus primeiros dias.

As obras de restauração empreendidas a partir de 1967, estão em fases finais, esperando-se sua total conclusão dentro em breve.

A Igreja de NOSSA SENHORA DA GRAÇA

A Igreja de N. S. da Divina Graça do Colégio dos Jesuítas de Olinda encontra-se, igualmente em obras de restauração. O projeto do mesmo arquiteto, Prof. José Luiz Menezes, obedeceu a rigoroso levantamento histórico colhido nas obras do Padre Cardim, de Pereira da Costa e de Serafim Leite. Há uma informação do padre Pero Rodrigues, em 1595, referindo-se a esta Igreja, na época quase acabada, onde ele afirma que ela foi traçada à maneira de S. Roque, de Lisboa. O historiador Germain Bazin, encontra na Biblioteca Nacional de Paris o que ele supõe ser a planta primitiva do Colégio Jesuítico do Rio, contudo, o arquiteto Paulo Santos discorda, afirmando que a planta foi a utilizada para o Colégio de Olinda. As prospecções agora realizadas e o desvelamento das camadas que a Igreja da Divina Graça sofreu com as reformas realizadas no século XIX vêm confirmar o parecer do arquiteto brasileiro.

O Aspecto da Igreja

O prof. José Luiz Menezes diz, em trabalho apresentado no 1.º Seminário de Estudos sobre o Nordeste, em novembro de 1974, em Salvador, que o aspecto da

Divina Graça anterior às reformas, mostram-nos uma grande nave, cabeceira do tipo consagrado no século XVI para as construções jesuíticas, cujos modelos portugueses seriam os de Évora, (Igreja do Espírito Santo) e Lisboa (Igreja de São Roque), ambas construídas anteriormente a dos jesuítas de Olinda; corpo com a simetria muito próxima àquele da Igreja de S. Roque de Lisboa, antes das reformas do século XVIII, capelas laterais, as duas intercomunicantes e nichos para confessionários. Estava confirmada a informação do Padre Pero Rodrigues; de fato, as duas Igrejas, a de Olinda e a de Lisboa, se pareciam, frutos ambas do gosto jesuítico português. A longa travessia do Atlântico de um protótipo estava concluída".

A Divina Graça e S. Roque

A Igreja de Olinda se assemelha à de Lisboa em diversos pontos, por exemplo, na frontaria principal. Ao ser desvestida dos rebocos, aparece sobre a verga da janela central (das três inseridas no século XIX) a metade de um grande óculo, executado em calcário, de fino lavor, ocupado o plano intermediário, precisamente acima da portada do térreo, a superfície da fachada, dividida em seis planos, tal como a da de S. Roque de Lisboa, com a diferença de que na Igreja portuguesa os planos são cortados por portas e janelas, enquanto que a de Olinda é marcada pela sobriedade, a frontaria emoldurada por duas grandes pilastrias de canto.

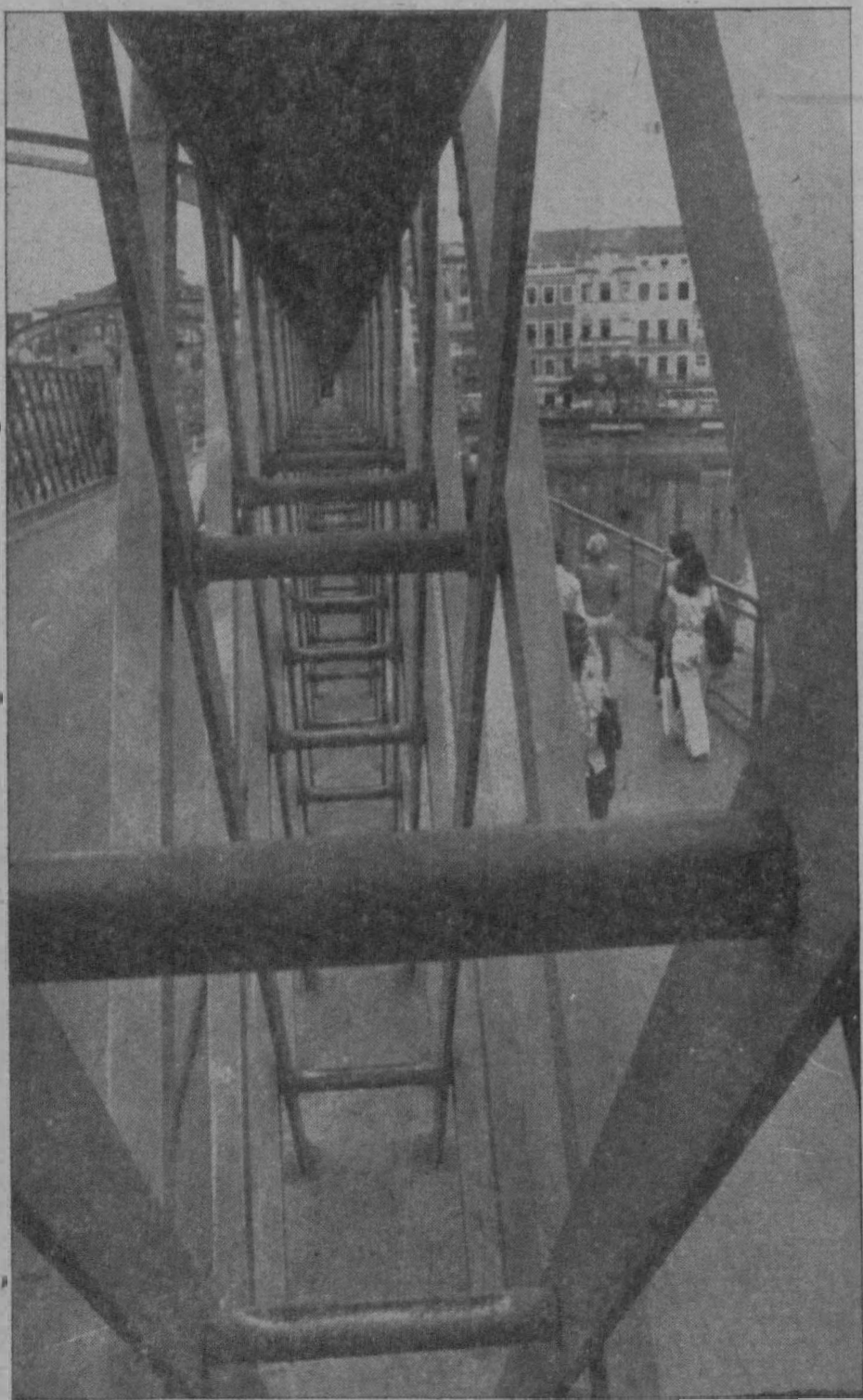
O Palácio dos Bispos

Também em fase de restauração encontra-se, no alto da Sé, o antigo palácio dos Bispos, destinado a museu sacro, dentro em breve. Deste modo, a histórica Olinda, pela sua arquitetura religiosa, volta a ser a quinhentista, pensando do passado, com a mesma pureza dos primeiros dias.

Poucas cidades brasileiras causam tão estonteante impressão. Sobre os seus dois principais rios, o Capibaribe e o Beberibe, cujas águas correm suavemente em direção ao Atlântico, várias pontes conferem à sua paisagem um ar de mistério, de indizível encantamento. Encantamento que, muitas vezes, leva o turista a pensar na célebre Veneza — daí o entusiasmo daqueles que, vivendo ou não na cidade do Recife, costumam denominá-la de "Veneza Brasileira".

No entanto, em 1630, quando os holandeses desembarcaram em Pau Amarelo, tomando de assalto Olinda e pouco depois o Recife, não havia nenhuma ponte sobre os rios da cidade, sendo comum a passagem a vau nos lugares alagados. Aliás, ainda hoje o Recife é uma cidade muito sujeita a alagados, principalmente no inverno, quando o transbordamento dos rios trazem nefastas consequências aos seus habitantes. Mas, a invasão dos holandeses viria proporcionar ao povoado pioneiro um inesperado e alentador impulso desenvolvimentista.

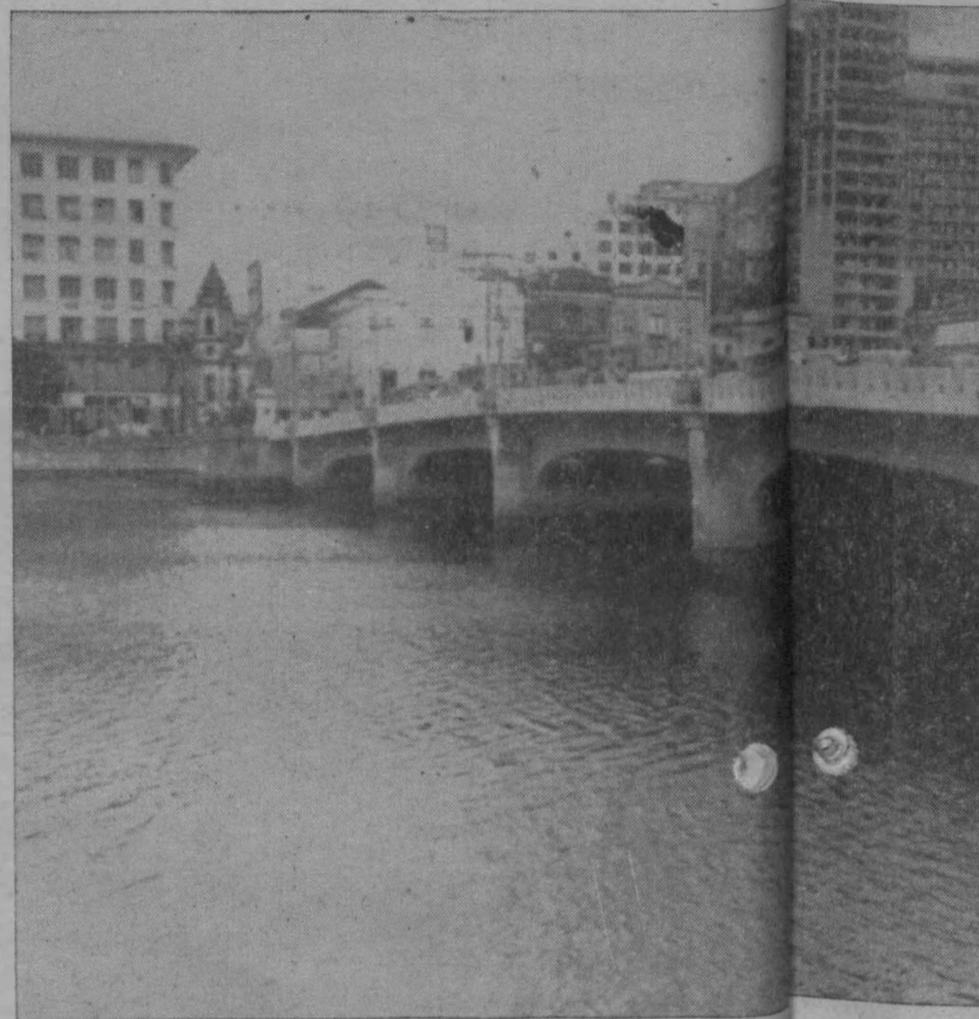
E foi justamente um nobre holandês, o conde Maurício de Nassau, em cuja família vicejavam ramificações alemãs, o responsável por essa súbita mudança na paisagem do Recife. Ao chegar aqui, provavelmente em janeiro de 1637, Nassau impôs aos recifenses do tempo a imagem de um homem inteligente, culto, refinado. Um homem que, a rigor, estava sempre cercado de pessoas representativas — pintores, naturalistas, arquitetos, poetas, religiosos. O diálogo com os seus contemporâneos o obrigava a manipular tão bem o holandês quanto o alemão, embora utilizasse o latim nas inumeráveis conversas que mantinha com padre Manuel do Salvador.



AS PONTES DENTRO DO

Boi voador

Portanto, deve ter sido nos intervalos de suas eruditas e inteligentes palestras, ou mesmo em meio a elas, que Maurício de Nassau, então governante, pensou nos primeiros benefícios de sua profícua administração. Por exemplo: fez multiplicar o número de casas comerciais e de moradia, de tavernas, bodegas e quitandas, além de ter edificado os primeiros escritórios, lojas, oficinas e hospedarias para viajantes. Por outro lado, o aumento da população contribuía decisivamente para a intensificação dos negócios — nem sempre limpos, segundo Orlando Parahym, cujas informações resultaram num poderoso estimulante para a feitura de nossa reportagem. Conforme Parahym, o príncipe holandês "gostou do Recife, eis a verdade". E, observou ironicamente que ele deve ter apreciado "mais ainda os lucros pingues e fáceis que lhe enchiam os bolsos". Mesmo assim, os acertos do extraordinário batavo foram muito mais numerosos que os erros presumivelmente cometidos.



As Pontes

Como a travessia entre os bairros da cidade era incômoda e demorada, e pensando, sobretudo, no transporte de mercadorias que deveriam ser embarcadas, Nassau iniciou a construção de uma ponte sobre o Capibaribe. Os serviços tiveram início por volta de 1640 e foram concluídos em 1643. Em 28 de fevereiro do mesmo ano, dias após o arquiteto Baltazar da Fonseca dar por acabada a obra, a cidade amanheceu engalanada para a monumental festa de inauguração: música, danças, banquete, brindes e, apesar da seriedade dos tempos, a hoje vulgarizada farsa do boi voador. O boi pertencia a um tal de Belchior Alves, que certamente exultou com a escolha do seu animal.

Entre curiosas e espantadas, centenas de pessoas acorreram dos mais diversos recantos do Recife e de Olinda. Cada pessoa pagava duas placas pela travessia da ponte. O boi, como era esperado, não voou, mas a brincadeira rendeu cerca de dois mil florins. Ficou, assim, plenamente comprovado o interesse dos habitantes pelo evento, apesar de a ponte ser tosca e mal feita. Custou aproximadamente duzentos e quarenta mil florins, uma quantia insignificante quando comparada aos seiscentos mil florins empregados na construção do Palácio das Torres, residência oficial do governador. Há quem diga, porém, que Baltazar da Fonseca nunca concluiu os trabalhos a ele confiados. Português de descendência judaica, o arquiteto era considerado homem de poucos escrúpulos e nenhuma dignidade. Ao desistir de sua empreitada, tudo indica que ela foi retomada pelo próprio Maurício de Nassau, que, juntamente com os seus conselheiros, muito lucrou com o negócio.

Os nomes da ponte

Inicialmente denominada Ponte do Recife, a obra foi rebatizada, dois séculos depois (1865), com o nome de Ponte Sete de Setembro. Sofreu inumeráveis reparos e reconstruções, sendo que o primeiro deles ocorreu em 1683. Outras inovações foram introduzidas entre 1742/43, no governo de Herinque Luiz Pereira Freire, com a colocação de lojinhas de taipa em ambos os lados de sua estrutura. Em 1815, essas casas vieram abaixo, e algumas pessoas morreram sob os seus escombros. Em 1917, no governo de Manoel Borba, outra modificação foi feita. Os arcos da Conceição e de Santo Antônio, construídos pelos portugueses, foram então demolidos. Mas a

ponte, hoje conhecida como Boi Voador, foi instalada por Maurício de Nassau, aumentando o movimento da cidade, levando muitas famílias a se mudarem para o Recife.

Apavorante

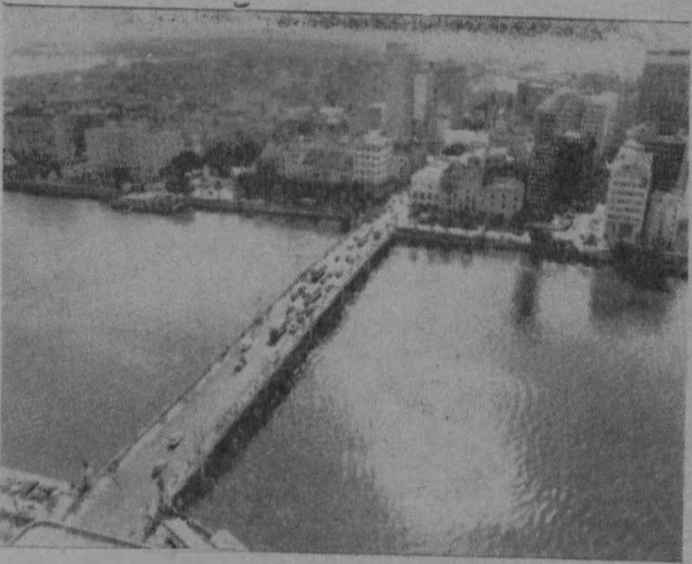
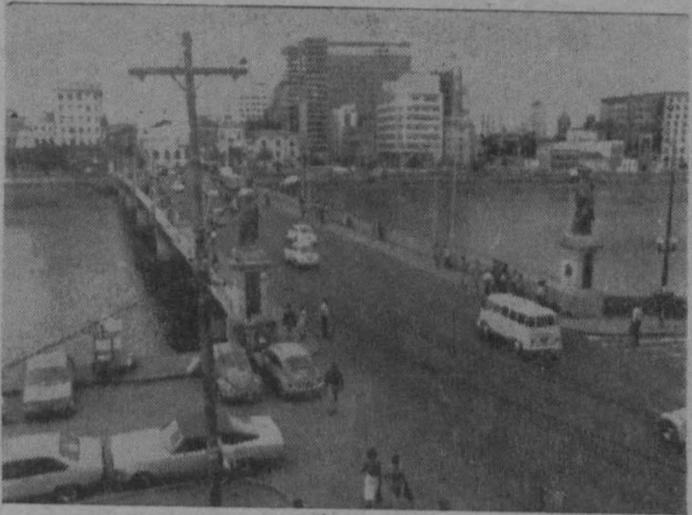
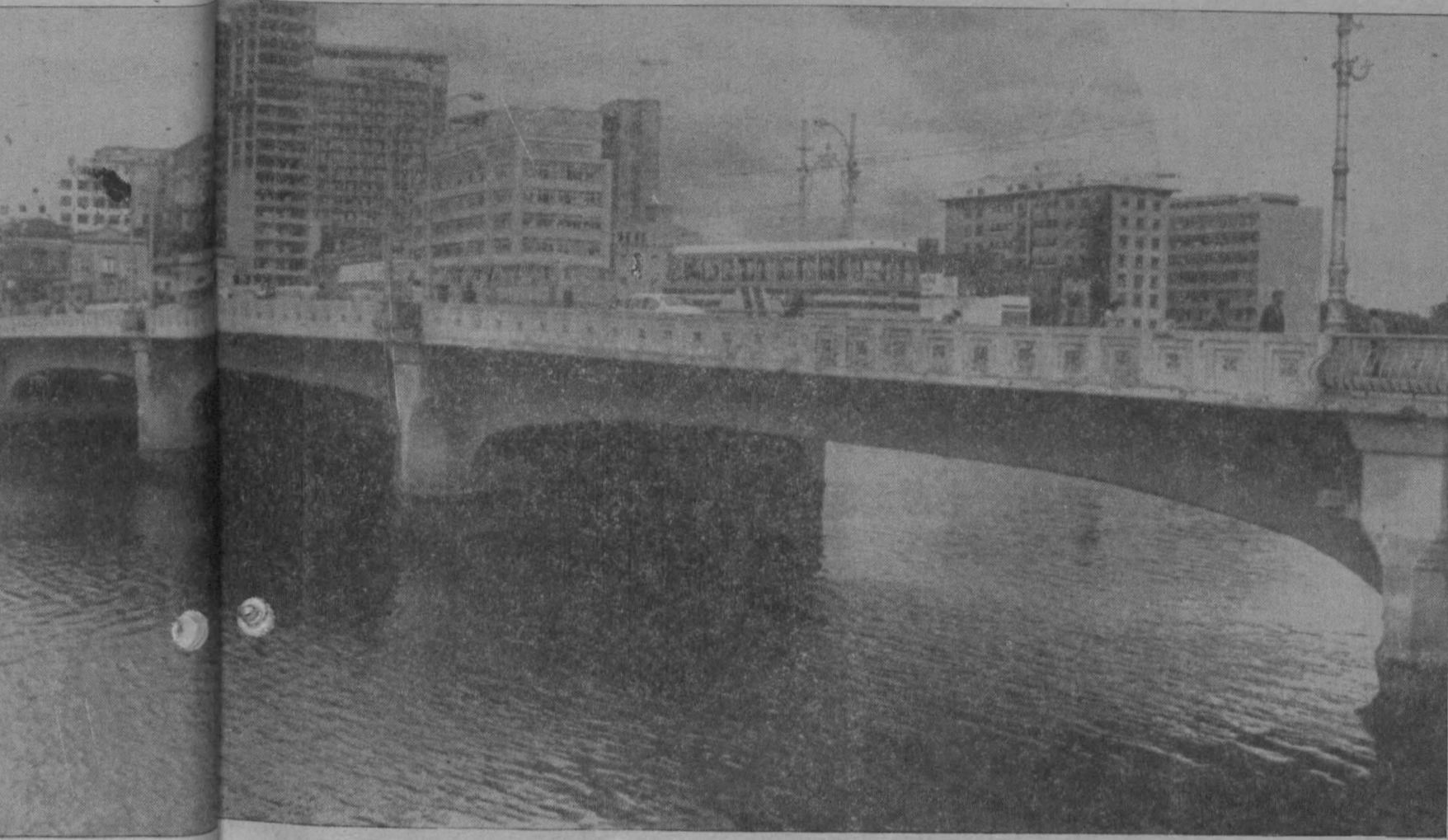
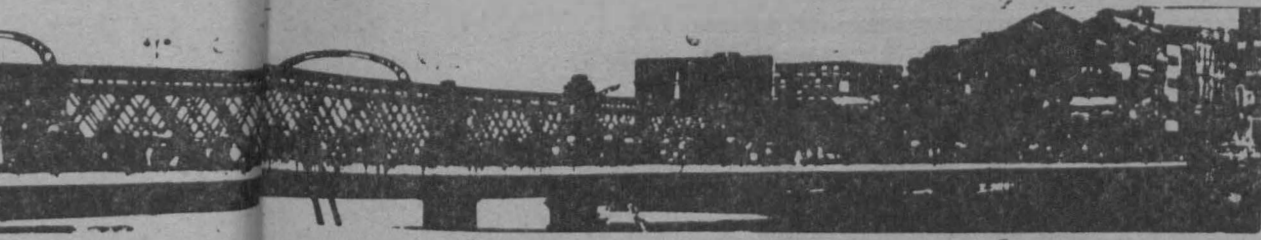
Em novembro de 1637, o conde Maurício de Nassau chegou ao Recife, ou seja, logo em seguida, o conde Henrique Pereira Freire, então governador, iniciou o progresso da cidade, por meio da construção de pontes e outras obras. A ponte construída por Nassau, por exemplo, destinou-se a ligar o Recife à ilha de São Paulo, ligando a ilha de São Paulo à ilha de São Antônio Vaz (atual Vista). Sete anos depois, o conde Nassau publicou um folheto sobre o Recife, no qual afirmava que o Recife era um lugar muito agradável e saudável. A ponte de Nassau, portanto, foi outra obra que tornou o Recife mais atrativo e habitável.

O referido conde Nassau também fez a ponte de São Paulo, que ligava o Recife à ilha de São Antônio Vaz. Essa ponte foi construída em 1643 e foi outra obra que tornou o Recife mais atrativo e habitável. A ponte de Nassau, portanto, foi outra obra que tornou o Recife mais atrativo e habitável.

Reconstruída em 1865, a ponte de São Paulo, que ligava o Recife à ilha de São Antônio Vaz, foi outra obra que tornou o Recife mais atrativo e habitável. A ponte de Nassau, portanto, foi outra obra que tornou o Recife mais atrativo e habitável.

É digno de nota que o conde Nassau também fez a ponte de São Paulo, que ligava o Recife à ilha de São Antônio Vaz. Essa ponte foi construída em 1643 e foi outra obra que tornou o Recife mais atrativo e habitável. A ponte de Nassau, portanto, foi outra obra que tornou o Recife mais atrativo e habitável.

ENTRO DO CONTEXTO URBANO



...ponte, hoje conhecida...
...Nassau, aumentou o...
...mento da cidade, le...
...uitas famí...
...lias a se mudarem

soladora a paisagem daquele pedaço do Recife holandês.

Traço de união

A ponte Duarte Coelho, medindo 140 metros de comprimento por 25 de largura, constitui um traço de união entre a Avenida Guararapes e a Avenida Conde da Boa Vista. Enfim, a ponte liga o bairro de Santo Antônio ao da Boa Vista, e foi construída na administração do prefeito José do Rego Maciel. Sua faixa de rolamento mede 16 metros. Inaugurada em 1943, custou cerca de três mil e quinhentos contos de réis — evidentemente, segundo a terminologia monetária da época.

Nos velhos tempos em que os trens serviam aos nostálgicos subúrbios da Várzea, Apipucos, Caxangá e Dois Irmãos, partindo da Estação da Rua do Sol, a ponte recebeu o apelido de *Machambomba*. "Corruptela, como todos sabem, da expressão inglesa 'machine pump'".

Em meado do século XVIII, no governo de Henrique Luiz Pereira Freire, foi construída a ponte da Boa Vista. Em 1815, ela passou por uma necessária reconstrução: acrescentaram-lhe grades de ferro e calçamento de pedra. Inaugurada tardiamente (somente em 1876, após outras inovações), as quatro pilastras metálicas erguidas nas suas extremidades registram em relevo os nomes e as datas de maior importância na história pernambucana e brasileira de 1503 a 1831.

As enchentes do Capibaribe têm provocado impactos violentos na ponte da Boa Vista. Projetada por um jovem engenheiro, Francisco Pereira Passos, mede 154 metros de comprimento, mas passou um ano fechada ao tráfego por ocasião da grande enchente de 1966. As inovações introduzidas em 1815 incluíam os famosos bancos onde, nas suas horas de lazer, as pessoas costumavam conversar — quase sempre as nonas giravam em torno da vida de um ou outro dos seus patrícios. Para o padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, o terrível Padre Carapuço, a ponte da Boa Vista era um teatro muitíssimo mais divertido do que o teatro público. Orlando Parahym lamenta o fato de as pessoas nunca prestarem atenção às inscrições gravadas nas quatro pilastras metálicas: "E o povo passa, sobe a ponte, desce a ponte, olha, mas não vê", comenta ele.

Uma outra ponte, ainda, serve para facilitar a passagem do bairro da Boa

Vista para o de Santo Antônio. Construída pelo engenheiro inglês William Martineau e inaugurada em 2 de dezembro de 1863, a ponte de Santa Isabel foi a primeira ponte de ferro no Recife. Foi reconstruída em 1913, no tempo do governador Dantas Barreto, sendo prefeito da cidade o Capitão Eudoro Correia. Em 1967, nova reconstrução, agora por parte do prefeito Augusto Lucena.

Uma ponte para trens

A antiga ponte da Great Western foi projetada e edificada com a finalidade de permitir o tráfego de trens que saíam da Estação do Brum e iam até Limoeiro, cidade pernambucana do Agreste. A ponte, hoje denominada do Limoeiro, data do ano de 1881. Inicialmente, constava tão somente dos dormentes e dos trilhos de ferro. Em julho de 1966, contudo, o prefeito Augusto Lucena inaugurou uma ponte de concreto armado construída durante a sua gestão municipal. Hoje, a ponte do Limoeiro já não é mais destinada à passagem de trens, mas sim ao tráfego diário de milhares de pessoas e automóveis.

Homenagens

A ponte Buarque de Macedo constitui um traço de união entre os bairros de Santo Antônio e Recife. Tem, assim, a mesma finalidade daquela construída pelo príncipe holandês, a já referida Maurício de Nassau. Seu nome deriva de uma homenagem ao engenheiro recifense Manuel Buarque de Macedo, um homem público muito ilustre, que mandou construí-la em 1880. Buarque de Macedo foi designado para cargos de alta responsabilidade pelo partido conservador, no reinado do Imperador Pedro II.

A mais longa ponte do Recife, localizada no bairro do Pina, chegou a ser rebatizada com o nome de um outro homem ilustre: o ex-governador Agamenon Magalhães. Notável pela sua primitiva extensão — 715 metros — a ponte do Pina, como é atualmente conhecida, foi reconstruída na administração de Barbosa Lima Sobrinho e inaugurada em 1915, com Antônio Pereira como prefeito da cidade. Os aterros em ambas as margens do rio reduziram a sua extensão para 450 metros de comprimento. Mesmo assim, porém, ainda é maior do que todas as pontes do Recife.

A ponte dos bravos

A ponte dos Afogados fica localizada entre a rua Imperial e o Largo da Paz. Foi o governador Henrique Luiz Pereira Freire quem aterrou todo aquele imenso pantanal dos Afogados e mandou construir a ponte. O rio dos Afogados, por cima do qual passa a ponte, recebeu esta denominação tendo em vista as muitas pessoas que ali morreram, em dias de enchente. Foi edificada em 1737 e reconstruída em 1921.

Sobre a ponte dos Afogados ocorreram sangrentos combates. O mais recente, desencadeado em 1935, colocou tropas legalistas em confronto com ideologias suspeitas: era a famosa tentativa de 1935. Antes, porém, pernambucanos haviam combatido invasores holandeses. Combates durante a Guerra dos Mascates (1710-11) e ainda durante a Confederação do Equador (1824). Historicamente, portanto, o bairro dos Afogados assume certa importância na evolução do próprio País.

Outras pontes

Já a ponte de Motocolombó fornece acesso do Largo da Paz para a Estrada da Imbiribeira. Atravessando a ponte, um veículo está em plena Estrada da Imbiribeira, por onde se chega facilmente ao Internacional Aeroporto dos Guararapes.

Reconstruída pelo Departamento Estadual de Rodagem (DER), no tempo do Governador Etelvino Lins, a ponte foi inaugurada em 12 de dezembro de 1953. Passa sobre o rio Tijipió, um dos afluentes do Capibaribe. Seu nome parece derivar de uma lenda: segundo tal lenda, uma negra passava pelo local vendendo mocotó e lombó, só que, ao invés de pronunciar *lombo*, pronunciava *lombó*. Daí a corruptela *motocolombó*.

No bairro do Recife existe uma ponte antigamente movediça. Já não possui a denominação pela qual ficou famosa — Giratória —, pois hoje é fixa, toda de concreto armado. Foi inaugurada em 10 de março de 1971, no Governo Eraldo Gueiros Leite, e serve amplamente às pessoas que, vindo da zona sul da cidade, desejam chegar ao bairro.

Uma particularidade cerca a ponte de Caxangá: foi a primeira ponte pênsl da América do Sul, e construída por volta de 1841. Foi destruída na enchente de 1869, reconstruída e entregue ao

tráfego em 1871. Constitui um traço de união entre os recifenses e as cidades localizadas ao norte do Estado.

Reconstruindo uma ponte

"As pontes de estrutura metálica exigem uma permanente conservação. Sobretudo no Recife, pois aqui o poder de destruição das águas é imenso", afirmou o Assistente Técnico da Secretaria de Viação e Obras da Prefeitura do Recife, Eng. Roberto Melo. No Recife existiam três pontes de estrutura metálica: Giratória, Velha e Boa Vista. O DER substituiu a Giratória por uma outra de concreto armado. A da Boa Vista também sofreu reformas, pois parte de sua estrutura recebeu igualmente concreto armado. Por fim, a ponte Velha, seriamente danificada com as enchentes de 1966, acaba de ser fechada ao tráfego — por sinal, intenso sobre ela.

Uma comissão técnica da municipalidade chegou à conclusão que, mesmo avariada, a ponte reunia condições para o tráfego, mas teria de passar por alguns melhoramentos. Vários fatores, porém, entre os quais a inexistência de uma verba orçamentária suficiente, dificultaram a realização do projeto.

Mas a enchente de 1970 agravou ainda mais o problema. A ponte foi interdita durante alguns meses, e em seguida a Prefeitura elaborou um projeto visando reformas. Tal projeto pressupõe duas opções: reparação das partes danificadas ou substituição total da ponte por uma outra de concreto armado, desde que em face da necessidade do tráfego seriam alargadas as faixas de rolamento e os passeios laterais.

Examinadas as duas alternativas, prevaleceu a primeira, "pois oferecia melhores vantagens à Prefeitura", concluiu o Eng. Roberto Melo. Assim, os pilares metálicos serão amplamente protegidos por concreto armado, embora a parte superior (super-estrutura) seja mantida. Também serão substituídas as partes afetadas pelo ferrugem. A pista de rolamento, antes com 8 metros, passará a ter 12 metros e os passeios laterais terão, ao invés de 2, uma largura de 3 metros.

Os trabalhos, cujo término está previsto para fins do corrente ano, custarão a bagatela de 7 milhões de cruzeiros. E já foram iniciados.

Convênios: união de forças para dinamizar ensino e a pesquisa

Nenhum órgão público ou privado pode exercer isoladamente as suas atividades. De uma forma ou de outra surgem as limitações, a falta de recursos, materiais ou humanos. Daí a necessidade sempre crescente de convênios entre os diversos órgãos.

Os acordos representam, inclusive a nível internacional, a soma de forças para o progresso das atividades científicas e culturais no âmbito das Universidades.



Logo que assumiu a Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco, o Professor Paulo Maciel procurou incrementar o setor de convênios, quer em relação aos já existentes, quer assinando novos acordos com instituições nacionais e de outros países. Já em novembro de 1975, o Reitor assinava o primeiro convênio, através do Centro de Tecnologia, com a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste — SUDENE —, para a execução de um programa de pós-graduação em nível de mestrado em Geociências.

Em dezembro, era assinado um novo documento. Desta vez, a UFPE realizava um convênio com o Conselho de Desenvolvimento de Pernambuco — CONDEPE visando a realização de estudos, para a elaboração de um programa de Ciência e Tecnologia na Área Nuclear para o Estado de Pernambuco. O convênio foi assinado no dia 3 de dezembro do ano passado.

Biblioteca

Devido ao crescente interesse que as bibliotecas vêm assumindo para o desenvolvimento dos estudos científicos nos centros universitários brasileiros, Paulo Maciel assinava em fins de 75, um novo convênio com o Ministério de Educação e Cultura. Desta vez objetivava a implantação e manutenção do Núcleo de Assistência técnica — NAT — especializado em Sistema de Bibliotecas. O documento foi assinado em novembro.

Outro convênio com a SUDENE seria assinado no dia 4 de novembro, visando a execução de um programa de otimização do ensino superior.

Pesquisa econômica

O quinto convênio foi assinado entre a UFPE e a Central de Medicamentos — CEME. Objetivo: para o desenvolvimento de "know-how" visando à produção de hecogenina no Brasil. O documento entre a Universidade e a CEME foi concretizado em novembro do ano passado.

Ainda em outubro de 75, um novo documento importante era assinado através do Reitor Paulo Maciel, entre a Universidade Federal de Pernambuco e o Instituto de Planejamento Econômico e Social — IPEA. O convênio visa a dar continuidade à execução do Programa Nacional de Pesquisas Econômicas — PNPE. A cerimônia de assinaturas foi realizada no dia 14 de outubro do ano passado.

Fiscalização

Foi em novembro, que a UFPE e a Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana — FIDEM — consagraram um novo documento de cooperação entre

os dois órgãos. Desta vez, o convênio pretende a realização de um programa de consultoria visando a fiscalização dos trabalhos cartográficos da Região Metropolitana do Recife, em execução pela Empresa Aerofotogramétrica Cruzeiro do Sul S.A.

No dia 12 de dezembro do ano passado, entre a Universidade Federal de Pernambuco e a CAPES era assinado um convênio para a concessão de auxílio destinado a cursos de pós-graduação.

Protocolo de Intenção

Para a realização de um programa conjunto de apoio à pesquisa básica e ao ensino, nos cursos de graduação, especialização e pós-graduação, no campo da habitação e do desenvolvimento urbano, a Universidade Federal de Pernambuco, através do Reitor Paulo Maciel, assinava, em 30 de outubro de 1975, um Protocolo de Intenção com o Banco Nacional de Habitação — BNH. Outros convênios se sucederam, nos últimos dias, dentro das perspectivas do atual Reitorado da UFPE.

A participação da Universidade Federal de Pernambuco no convênio firmado entre a Secretaria de Planejamento da Presidência da República e Ministérios do Interior e da Educação e Cultura, dar-se-á em termos de oferecimento, através da sua Faculdade de Arquitetura, dos seguintes projetos e atividades:

Curso de Mestrado em Planejamento Urbano a ser ministrado em regime de tempo integral, com duração mínima de dois anos; Curso de Especialização em Planejamento Urbano em regime de tempo integral, com duração mínima de um semestre letivo; Aquisição e/ou edição de publicações técnicas, para constituição ou ampliação de bibliotecas especializadas, efetivamente orientada para implantação do 2º Programa Nacional de Capacitação de Recursos Humanos para o Desenvolvimento Urbano; Projetos e execuções de pesquisas.

A UFPE manterá Curso de Especialização dentro da área de Planejamento Urbano em regime de tempo integral com duração mínima de um semestre letivo, até o final de 1976.

Objetivos

O objetivo desse convênio é elaborar e executar o II Programa Nacional de Capacitação de Recursos Humanos para o Desenvolvimento Urbano em todo o território nacional, conforme as diretrizes do Governo Federal para esse setor.

A participação da UFPE foi oficializada através de sub-convênio assinado pelo Reitor Paulo Maciel, juntamente com os representantes dos demais órgãos participantes do convênio.

Quinteto Armorial



Argentinos aplaudem o Quinteto Armorial

A participação do Quinteto Armorial no Festival de Córdoba, na Argentina, foi amplamente elogiada pela imprensa daquele país, a ponto de considerar que "a delegação do Brasil foi a surpresa grata dessa jornada" (referindo-se à noite da qual participou o Quinteto).

O jornal "Clarín" acrescenta, referindo-se ao Quinteto Armorial: "Esta talentosa embaixada da música contrastou com o escutado anteriormente (referindo-se a apresentações pouco convincentes de outros grupos). O sério e inteligente trabalho do Armorial, manifestado em Cosquin, o mostra como um caminho importante para o resgate da cultura latino-americana. Alegremo-nos ardentemente".

RECEPTIVIDADE

A ida do Quinteto Armorial a Buenos Aires foi a convite do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Além dos seus componentes — Antônio José Madureira (coordenador), Edilson Eulálio, Fernando Torres Barbosa, Carlos Nobrega de Almeida, Egildo Vieira — a delegação foi composta também pelo diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, poeta Marcus Accioly.

O secretário da Embaixada do Brasil em Buenos Aires, diplomata Antônio Carlos Athayde, deu todo apoio à delegação, oferecendo inclusive a sua própria residência aos jovens músicos, além de promover ampla divulgação do Quinteto, através dos órgãos de imprensa. Ele vem desenvolvendo importante trabalho na divulgação dos valores brasileiros, especialmente os nordestinos, des-

tacando-se como um estuista, particularmente, do Movimento Armorial.

Athayde, antes de tudo, é um músico nato que sabe o Brasil e o tem levado, artisticamente, para mostrá-lo em seu ponto mais alto: a arte. Trabalho esse de extrema necessidade, pois, enquanto a música é linguagem universal, a literatura, diante das fronteiras da língua, tem sido reduzida a poucas traduções, que nem sempre revelam nossos melhores autores.

O Quinteto apresentou-se em Cosquin, Cayc e na Rádio Nacional de Buenos Aires. Coube ao poeta Marcus Accioly a apresentação do grupo, no Cayc, e durante uma entrevista coletiva à imprensa, teve a oportunidade em que fez ampla explanação acerca das raízes da cultura nordestina e do trabalho do Movimento Armorial, do qual o Quinteto é uma extensão.

De volta ao Brasil, o Quinteto apresentou-se em Brasília, no dia 28 de janeiro, quando Marcus Accioly, mais uma vez, fez uma apresentação-conferência sobre a cultura nordestina e o trabalho do Quinteto, comentando o aproveitamento das raízes populares na formação de uma música erudita nacional. O Grupo conseguiu, a exemplo das apresentações anteriores, empolgar a seleta platéia, no Distrito Federal, merecendo os maiores elogios das autoridades que lá estavam, principalmente da crítica especializada.



Arte & Tempo

ÂNGELO MONTEIRO

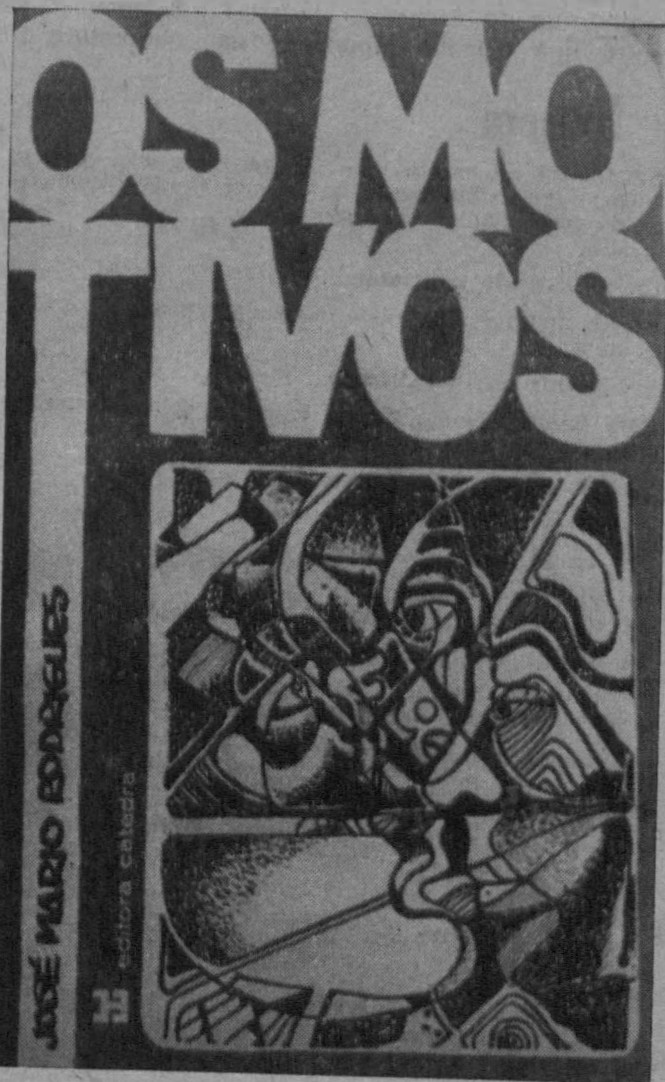
Se para a poeta fosse possível alguma definição eu diria que ela é a inteligência expressa por meio da sensibilidade, e não simples manifestação desta última. A poesia é, antes de tudo, o produto de uma vontade, e a essa vontade necessariamente criadora e necessariamente inspirada eu chamaria de inteligência, a qual, de modo algum, deve ser confundida com a razão: pois a racionalidade não passa de um dos múltiplos instrumentos ou órgãos de que se utiliza a inteligência para que as coisas atinjam sua própria inteligibilidade. Da verdadeira poesia, entretanto, só impropriamente se pode dizer que ela quer significar uma oposição ao sentimento; na verdade, sua função é comandá-lo para que ele se faça inteligível através da palavra.

É sob o signo da inteligência que se opera a criação poética de José Mário Rodrigues, e isso pode ser visto, sobretudo, em seu livro de estréla "A Estação dos Ventos". Uma das coisas que mais me atraem na leitura dos seus poemas, geralmente escritos numa linguagem cifrada e esotérica, e jamais descritiva, é a ausência na temática de objetos específicos. Quando o poeta fala de amor, por exemplo, nós nunca podemos saber a que objeto o seu amor se dirige, e isso torna a sua poesia uma estrutura permanentemente aberta aos mais diversos significados. Na "Confissão III", quando o poeta diz: "chamei algumas vezes tua presença/e minha voz ficou deserta", nós sentimos, no poema que é profundamente amoroso, que a palavra "presença" tanto pode ser aplicada à deidade ou ser tomada como uma divinização da imagem feminina ou referir-se ainda, à Poesia ou à presença mesmo. Ao confessar no segundo verso: "e minha voz ficou deserta" o poeta nos quer comunicar, ao mesmo tempo, o inexprimível da presença e a supremacia, em sua poética, da palavra sobre o discurso. A "Confissão III" termina com os seguintes versos: "Chamei algumas vezes sua presença/Hoje dela me escondo/Por temor à claridade". Os versos finais expressam, no seu confessado temor à claridade, a afirmação do mistério poético e o seu permanente ocultar-se, porque mistério, diante das exigências da linguagem.

A presença do fogo, símbolo da vontade criadora, — que já em Heráclito exprime o movimento vital do Universo, e se encontra não somente nos filósofos mas nos visionários e nos místicos — está praticamente em todos os poemas de "A Estação dos Ventos", constituindo mesmo a chave de muitos deles. A presença do fogo é indispensável, mesmo sob os mais diversos disfarces em palavras como: sol, chama, tempestade, relâmpago, incêndio, ralo, claridade, rubra, dezembro, espada, vermelho, tocha, sangue, verão, etc. "A Estação dos Ventos" que começa com a estrofe: "Aqui estou/com as palavras ardendo na terra/e o sol desaparecendo nas mãos tem por conclusão estes versos: "e só vejo um rastro vermelho no espaço". A presença do fogo é, como vemos, o elemento determinante e fundamental na unidade do livro. A palavra fogo, apresenta-se, inclusive, associada com a palavra vôo, em versos como: "Vim dum regresso manso de aves sonolentas/Tenho o orgulho de uma tocha acesa/ sobre os montes" e ainda em outros em que a palavra vôo vem isolada da palavra fogo. E tanto em fogo como em vôo existe manifesta a intenção do poeta em fazer de sua poesia um instrumento de sua vontade e, ao mesmo tempo, demonstra o sentido de dilatação e de abertura de uma poética que jamais fechará numa contenção estéril. Porque este poeta, nascido sob o signo de Leão, em quem "as palavras tomam o curso do fogo", mas que também percebe que o seu "ídioma tem regras de silêncio", sabe perfeitamente que a palavra que é feita de fogo, é também, porque fogo, elemento de concentração e arma de silêncio.

O próprio título do livro, "A Estação dos Ventos", reflete o significado do fogo como elemento central de unidade dessa poesia: porque os ventos, que naturalmente encarnam os momentos de sensibilidade do poeta, estão não somente aglutinados mas comandados por uma vontade que se opõe à desordem da sensibilidade entregue a si mesma. O termo *estação* sugere o elemento estático necessário para impor unidade à dinâmica dos próprios momentos existenciais quando transpostos artisticamente para o poema. É isso precisamente que o poeta quer dizer no "Canto da Segunda Investida", ao se apresentar como: "um vento que percorreu montanhas e abismos/e repousou manso sobre a terra".

Finalmente, cabe ressaltar nessa poesia um caráter metafísico que está não somente no seu apelo ao fogo mas no seu sentido de escalada e de vôo, como as formas de superação do real imediato e fechado do cotidiano. E porque o poeta se acha sempre arrastado pelo apelo do fogo e pelo sentido do vôo, confessa: "Insistes em me levar à montanha/ Que há sobre a montanha?" Para um analista superficial a pergunta não representaria outra coisa senão uma confissão de nihilismo. Entretanto, para aqueles que observaram, em primeiro lugar, a colocação da palavra *montanha*, reconhecerão, antes de tudo, na pergunta o domínio da possibilidade que contém, simultaneamente a montanha e o mistério de não se saber jamais inteiramente o que haverá sobre ela.



"Os Motivos"

"Os Motivos", depois de "A Estação dos Ventos", vem confirmar as diretrizes assumidas até agora pela poesia de José Mário Rodrigues, em sua fuga ao prosaico e ao cotidiano e na estranheza de uma atmosfera poética que parece inscrever o autor, que é muito jovem, entre um dos mais fortes continuadores das correntes pós-simbolistas em sua geração.

O Sentido Poético de Conceição Lins

Para Conceição Lins, nascida na cidade do Recife, sob o signo de Libra, e cursando o 3º ano de Comunicação Social, na UFPE, "a música e a poesia têm um ponto de ligação. Gonzaga Jr., Milton Nascimento, Chico Buarque, são poetas em si e transmitem toda a sensibilidade característica da música/poeta, poeta/musical.

Se pode dançar um blue ao som de uma poesia, ou criar imagens através de uma junção de sons, que sejam (ou não) uma melodia.

Os poetas em si próprio, possuem sonoridades diferentes. Malakovsky traduz em mim um tipo de sonoridade suave, às vezes pacata, enquanto as novas portuguesas (Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta) são mais apatronadas, atingindo algumas vezes a agressividade, como um tango de Piazzola.

A poesia, ou o sentido de uma poesia (que já interfere na poesia em si) é simplesmente estado de espírito. O gosto poético por esse ou aquele estilo, nasce apenas. Não se criam poetas, assim como não existe a poesia por hobby. Os que me disseram fazer da poesia passatempo, simplesmente não conseguiram enfrentar sua necessidade de libertação interior.

O sentido poético existe em cada um. É preciso apenas saber interpretá-lo.

- Sabor de Chocolate -

É sempre aquele terrível gosto de chocolate na boca nos olhos, em toda a extensão, é sempre aquela boca aberta, esperando pelo cigarro que não chega, e no entanto a fumaça existe dançando entre os formigueiros humanos intoxicando o ar de hábitos passivos enquanto se tosse e se vicia.

Até que um dia olhando pelo retrovisor, val se encontrando um mundo que também vivia de sabores de chocolate, e ficou sempre aquele medo insuportável de ter que comer novamente mais chocolate, viver normalmente mais fumaça, respirar continuamente mais cigarros, e sufocar na mente mais cansaços, estrondando o ar, a respiração o corte, o corpo, o canto de iluminar as velas o sopro de apagar canções na casa do moço, na festa de gala, na dança que passa horas, numa constelação oxidada, valsando com estrelas no trinco de um sorriso com sabor de chocolate.

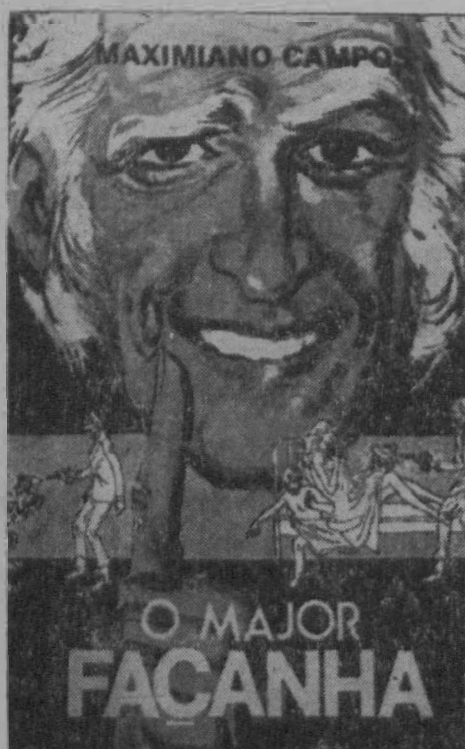
conceição lins.

- Ensaio para o tempo do sol -

de repente a escuridão iluminou e as bailarinas incendiaram o palco com suas cores como uma TV preto e branco ou um cinema colorido. a mistura da cor com sua falta, a mistura do ar com sua composição neutra. foi num relance que eu vi a estrela. ela dançava na cabeça da primeira bailarina que jogava-se ao chão e era a própria lua distribuindo seus raios pelo pequeno buraco do teto. imenso como meus olhos, largo como meus cabelos abertura tridimensional. as cores refletiam nas miragens do deserto eternas fornhalhas que procuravam o denso horizonte, as terríveis pragas do sol cansando o braço de mar que insistia em vencer a primeira dama, sensações amanhecidas no céu cintilando no vestido de lantejoulas bordadas visando atingir os pequenos trabalhos das dançarinas gigantes, amarelas como o fio do sol rubras como o todo esplendor do corpo que se dobrava nuas como a mancha de espanto que se apoderava das cabeças. o pátio amarelo pela luz azul formando a paisagem dos filhos do sol, entre as montanhas e o céu pálido os abutres inconfundíveis (meros espectadores) farejando o ar denso de seus pesadelos com suas penas girando como pincéis o corredor transformado na dança negra das bailarinas.

conceição lins.

LANÇAMENTO DE NOVOS ESCRITORES



Major Façanha

"O Major Façanha", de Maximiano Campos, editado em convênio da Secretaria de Educação do Município com a Editora Artanova, apresenta o caráter de uma obra acabada e definitiva dentro da moldura da nossa mais nova ficção.

A linguagem da novela, em que o picaresco se casa deliciosamente com o poético, reveste uma mensagem simbólica em que temas centrais da condição humana são tocados pela dignidade de um tratamento literário.



Bernarda Soledade

Editada em convênio da Secretaria de Educação e Cultura do Município e a Editora Artanova, a novela de Raimundo Carrero, "A História de Bernarda Soledade a Tigre do Sertão" é, no seu estilo predominantemente poético um marco da nossa moderna ficção.

Adotando uma estrutura narrativa não-linear, em que os capítulos em si têm uma função recapituladora em relação aos capítulos em número, esclarecendo-os na trama do seu presente, "A História de Bernarda Soledade", mais do que uma estreia, constitui-se na obra de um escritor já maduro e inovador de caminhos.

Maria da Paz e a Paz da Poesia

"Nascida em Esperança, Pb. (mero ponto de referência, oficial e burocrático, sem nada a ver com as miríadas raízes humanas). A gente assume o lugar onde viveu a infância. Pra mim esse lugar é a Fazenda São Domingos, em Picuí, no sertão da Paraíba.

Nasci na década de 40, num dia 25 de janeiro, de um significado espiritual muito grande, pois nela se comemora a conversão do apóstolo Paulo, ou seja, o dia em que ele trocou o ódio pelo amor. Mas, a data em si é sem importância (devido ao aspecto cíclico). O importante seriam

as condições climáticas, a configuração da paisagem no momento e os acontecimentos que marcaram — ou constituíram — o cerne daquela dia, o que não tenho condições de referir aqui.

Faço o curso de Letras na Universidade Federal de Pernambuco, mas isso não consegue apagar toda uma formação autodidata, devida ao fato de que uma poliomielite, sobrevinda na infância, impediu-me de frequentar estabelecimentos de ensino durante muito tempo.

Acredito que o mais importante na

vida de uma pessoa é a família e os amigos. A família é como a casa: protege, dá segurança mas em certo sentido limita. É aí que temos necessidade dos amigos para nos prolongarmos nela e sentir que elas se prolongam em nós".

É assim que Maria da Paz Ribeiro nos faz a apresentação para seus poemas que a colocam, apesar de jovem e inédita, entre as vozes poéticas mais firmes do Estado, e nos quais a paz da construção humana é maior do que a angústia que porventura domina os âmbitos da vida.



Soneto em Zen

Entre o alimento e a fome invento-me ao talheres. A mesa me encontro sentada em feze de mim.

A fome se espalha nos pratos, terra e chão. Aca coarviva eu dou-me as cores das frutas.

(Comer, dormir, amar são relatos de vozes. Recolhe-te aos ouvidos)

O vinho bebo sorriado à minha sede, transbordada da garrafa.

Oferenda

"Um corpo ardente para o arco-íris"

Pedro Nicácio

Visto-me de oferenda e me entrego ao arco-íris. Ao pé de um pórtico de cores

(poético de flores)

deponho armas envenenadas: metais, punhais, minerais

todos os de ancestrais.

Um pássaro brota em vôo do fundo do horizonte clarifica-me seu canto exigido um arco-íris de plumas e a peito ferido por um pouco de flexas.

Consumo-me na oferenda ao arco-íris. Entrego-me ao inextinguível abraço/golpe de sua violência.

P A Z

O Mendigo

Teto de si mesmo pelo chão de rua. Vai. Lá o dia abre-se como um livro. O sim das coisas, O não das humanas,

À noite

portas fechadas, interrompe o livro. Envolva-se em vento sob a luz apagada.

Amanhã recomeça.

Notícia

Na manhã de ontem uma árvore rompeu o próprio silêncio impassibilidade e de repente (qual o momento da madrugada?) conseguiu a escrever folhais sobre o asfalto.

(os jornais não noticiaram)

Houve uma grande solidariedade na queda compacta e universal.

(os jornais não noticiaram)

Uma árvore decidiu largar todas as folhas como se possuísse por uma virgínia de mudez.

(os jornais não noticiaram)

As folhas caíram sem dizer adeus.

(os jornais não noticiaram)

Caíram simplesmente.

Na avenida os carros com seus passageiros distraídos.

(os jornais não noticiaram)

O ruído das buzinas e motores não conseguiu abafar o silêncio enorme das folhas volantes.

(os jornais não noticiaram)

Eu vi uma árvore chorando.

O morto

Plantado no horizonte o morto é árvore esculpida à sombra de idades.

Mergulhou nos olhos de vidro

agora é um enfeitado no tempo.

(Não se pode ler de antegamente dependência em seus dias).

Sorri como eu

nos lábios pouso um desolado arco-íris.

Seletrada nos pedras a voz

talvez lembre o olhar

aquecido em estrelas.

À fome

Cai nas garras de Fome.

O gosto deslustrado

escorrega na língua da voz.

Coloca-me além sem gosto.

À minha porta sem mais

deixe-me ir, brando e aceso, voltarei ao amanhecer.

À mala

é preciso reabrir e nada da infância esquecer os objetos guardados: saquetas de sol, a gravata de cores perdidas e uma escova que veio de longe e tomou o tempo.

Canas

da mala grande onde a alma das surpresas? a chave que me deixam não abre e guarda-roupa da infância.

Poema

Direi finalmente: as pontes paradas sobre os rios como pássaros de barro emudecidos quando os pássaros já não passaram ao azul antes de ir.

dos fios elétricos da tua rua.

Poema

Bolha, Luluzinha, e Pato Donald brincam grande nos pratos da infância. Onde as bolhas de ar quente e o pato de madeira de madeira? As mãos e os pés brancos e ruidos quem se esqueceu sob um e um livro não há?

À dimensão do Poema

Cada manhã renuncia o mundo ao momento do novo.

Os homens dispersos deitando-se no chão para o silêncio da vida.

Sangue e poesia correndo nos veios e os olhos desvendando o olhar.

O poema no muro é ao mesmo tempo uma coisa e um significado.

Amar.

Canto mural

Iran Gama em seu livro de estréia, "CANTO MURAL", revela-se dotado de uma linguagem poética em que a expressão, apesar de desigual, demonstra força própria, numa dosagem de surrealismo, regionalismo e apelos ao cotidiano.

Lançado pelo Jornal do Commercio em 1968, e atualmente dirigido ao lado do escritor Aluísio Furtado Mendonça, a revista Cadernos Literários, Iran Gama vem fazendo da poesia seu gênero essencial, e esperamos que, dotado como é de uma caprichosa imagética, abisme-se cada vez mais no mistério poético, de tal modo que o seu canto possa extrapolar o mural da sua estréia, e nos venha, com sua fantasia múltipla, nos dar roteiros maiores na poesia.



Padre Romeu Peréa e a sua doutrina

Teólogo e místico espanhol dos mais ortodoxos, e figura sacerdotal impressionante pela firmeza com que impregnou a vida de seu ministério, Pe. Romeu Peréa, que é um estudioso da língua e da literatura hispânicas, vem se notabilizando como mestre de religião no curso médio. Profundamente irônico, em sua caridade cristã, a que não falta humor e vivacidade, Pe. Peréa resolveu certa ocasião uma dúvida teológica de um aluno a cerca da existência de Deus de maneira mais eficiente do que se lançasse sobre ele as cinco vias de São Tomás. Esse aluno dissera, em uma das aulas, que não acreditava em Deus porque não podia provar a sua existência, enquanto que o Pe. Peréa assim o retrucara, luminoso e candente: "você poderia nos provar que é filho do seu pai e de sua mãe? Como o aluno ficou perplexo, o jeito foi terminar se convertendo.

Aulas de Religião, uma das últimas publicações da Editora Universitária, nos apresenta o programa de suas aulas sobre os dogmas fundamentais da Fé. Este livro do Pe. Peréa tem uma grande importância nesses tempos de dessacralização religiosa e tão raros de testemunhos mais firmes.

AULAS DE RELIGIÃO

"Ide, pois, ensinai a todas as nações, batizai-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo". (Mat. 28,19)

XXVI - XXX

A SANTÍSSIMA TRINDADE

I

Há um só único e verdadeiro Deus. Mas, nesse só, único e verdadeiro Deus, há três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

II

Este é o mistério da Santíssima Trindade, superior, mas não contrário à razão humana, pois a razão humana embora o não compreenda, verifica que não é absurdo.

III

Mesmo nos seres criados nos encontramos três dimensões, num só corpo e, na mesma própria alma temos três faculdades, sendo ela uma e única.

IV

O mistério da Santíssima Trindade nos foi revelado pelo próprio Cristo, Filho do Pai e, por ele enviado, mas, também, como o Pai, verdadeiro Deus.

V

Todos os atos mais importantes da nossa vida cristã começam e terminam invocando e agradecendo à Santíssima Trindade, isto é, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Isto indica a importância desse mistério, e nos ensina o respeito e reverência que devemos ter para com todas e cada uma das três pessoas divinas.

RECIFE/1975

Prof. Pe. Romeu Peréa

RESPONSÁVEL

OBSERVAÇÃO

Todos os alunos devem copiar, nos seus cadernos, estes pontos para servirem depois de quesitos nas provas mensais.

Proibida a reprodução destes Cartazes, — exclusivo do Ginásio Pernambucano.

(*) Indicação sumária dos assuntos a serem estudados por extenso e, depois, publicados em folhetos.

Mário Souto Maior & a Danação

Notabilizando-se como um dos nossos maiores pesquisadores, no campo do folclore, Mário Souto Maior, dessa vez, resolveu pesquisar as marcas do demônio na nossa cultura, utilizando-se de um verdadeiro dicionário de expressões e modismos mais correntes e respeito do Mailgo, em seu livro "Território da Danação", editado pela Livraria São José no Rio de Janeiro.

O estudo começa pelo registro da presença do DIABO no Nordeste e culmina com a transcrição de vários textos literários onde é indelével a preocupação do autor por uma pesquisa científica e que não falte um bom teor artístico.

Dois poemas de Iran Gama

As hélicas da noite
envolvem minha face turva,
as rajzes duras e frias
que despontam dos meus olhos.

Uma ventania cefalante
percorre o crepúsculo sonoro
das minhas sombras perseguidas.

Tornam-se horizontas as memórias,
livradas por luas e órgãos.

Esperam-me as flechas do amanhecer.

Há suor e desespero em meus cabelos.

Vem, traz-me teu rosário de carídeas
e tuas rendas de consolo e esperança.

Canta-me alvoradas de sinos e andorinhas
que fazem chorar em vida e claridade
o canto matinal dos galos e das orquídeas.

Perpetua-me as lâmpadas em teus olhos,
o anáfor em tua paz morena e outonal:
há mais um sonho e um veleiro
no silêncio spassentado da minha crença muda.

Recife

Os sinos dos teus olhos
abriram gritos e silêncios,
no condômino da posse em que nasceu
a fúria e longe da minha liberdade.

Como teus cabelos, os coqueirais
velaram em canto e êxtase
de tristeza, banhando
campos, ostras e existências,
por um lamento breve em tua lenda.

Mar e relâmpago dos olhos,
nascido de alertas e semantes,
lavrou brarura e esperança,
e mesma força de silêncios abrasados,
angústia de delírio, sombra e caracóis.

Secaram elegias e conquistadores,
nos montes que tua carne avoa
nos embriões dessa insônia estranha.

E te possuo, procriando mitos
feitos em agências estranhas,
para que o espanto das águas
seja o constante vigiar da tua lenda.

Almir e sua viagem poética

Almir de Castro Barros é o mais novo dos poetas aparecidos na geração 60, que este ano completa dez anos. Seu livro, "ESTAÇÕES DA VIAGEM", recentemente publicado, numa edição comemorativa que pretende aglutinar vários nomes desta geração, constitui-se numa manifestação insólita de lirismo marcadamente subjetivo e tendendo cada vez mais para o hermetico, enquanto muito de seus contemporâneos se mostram preocupados com uma expressão mais objetiva de sua poesia.

Sua linguagem se caracteriza por uma fuga absoluta de qualquer referência costumeira e, sob esse aspecto, se parece muito com a de Severino Figueira; ambos podem ser alinhados entre os adeptos do surrealismo que, apesar de historicamente superado como escola, permanece como influência subjacente em expressões poéticas das mais diversas do nosso tempo. Talvez porque durante suas preleções e parte das reuniões, o poeta Almir de Castro Barros se mostre despreocupado em apontar outro rumo à sua poesia que não seja o da centração cada vez maior sobre o eu, a despeito do nosso tempo vir apontando outros caminhos para o poeta.

O Fel

O salubre gosto desses dias
Encheu de ratos meu sangue.
Fregos e martelos hoje constroem
Engenhos anêmicos em meu logeio.
Aceito as tardes, tuas de passaros,
Fabricando o sal do próximo orvalho.
Eras despediam-se em meu leito de binculo
Para matar minha fé em seu siem.
E sua mais correnteza que sistema, após,
Perder-me do sal entre corujas,
E ser conduzido por um meu ghar miops
Até as urtigas onde bebo meu destino.

Eremita

Paciente como repetidos invernos
Permanecerá eremita
A ouvir cada vez mais próximo
O teu rumor de despota.

Meu abandono não de ventos
Se virá nos tempos apeliados de teu nome,
E juntos trabalharemos o caminho
De teu feretro sob a eternidade.

A irreverência de bois entre cadáveres e fogo,
Postigos abertos ante legiões de cascos,
A solidão do mar entre estrangeiros,
Me oferecerão a serenidade
De quem aguarda rapinas e sol nascente.

Enquanto tardas
Frequentarei a paz
Antecipando teu nai definitivo
Num epitáfio.

Roberto Aguiar: vanguardeiros utilizam-se do tédio para rebelar-se contra a classe

Com apenas 28 anos Roberto Aguiar, advogado, sociólogo e professor de Sociologia, se inscreve entre os maiores ensaístas de sua geração.

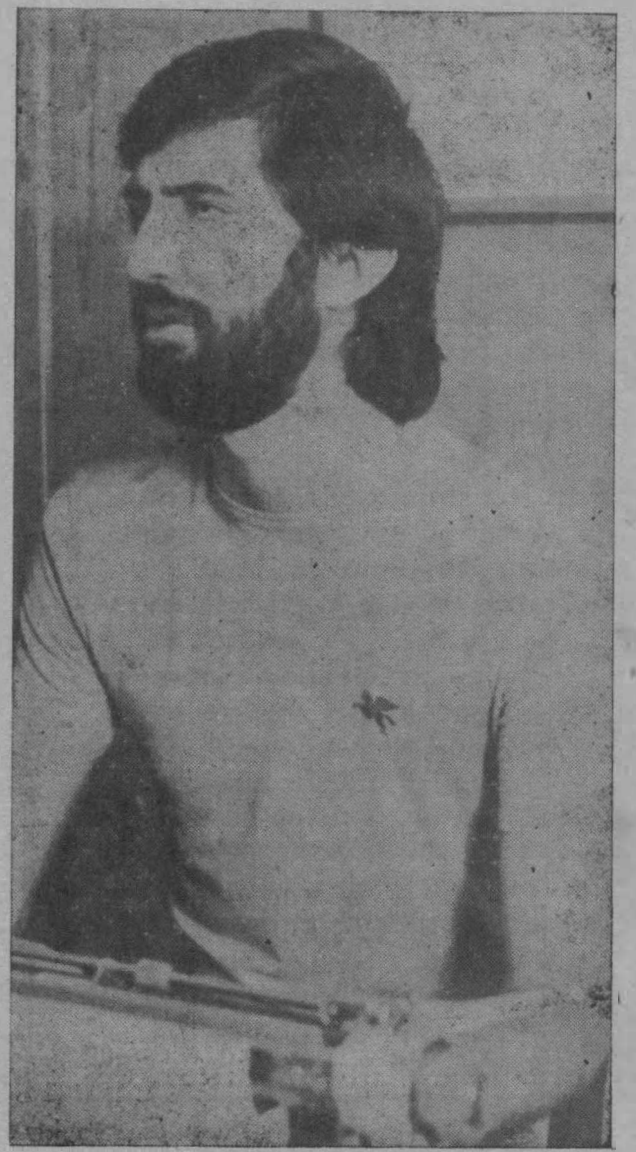
Alguns de seus ensaios sociológicos a respeito de assuntos da Teoria Sociológica, como Durkheim e A fé no Social; ou relativos à Sociologia do Conhecimento, como Peter Berger: Um rumor de Anjos; ou mesmo sobre a própria Literatura, como Vanguardeiros e Vanguardistas, comprova em Roberto Aguiar já a presença de um pensador, e não apenas de um sociólogo ou ensaísta da Sociologia.

Diplomado em Direito em 1971, foi aluno laureado, fechando com chave de ouro um vestibular no qual obteve o primeiro lugar em 1967. Sociólogo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e professor de Teoria Sociológica, no Departamento de Sociologia da Universidade Católica de Pernambuco, acaba de obter o primeiro lugar no Concurso para Auxiliar de Ensino, no Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE.

Depois de representar o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais na I Mostra

e I Simpósio do Cinema Documental Brasileiro, com um ensaio CINEMA DOCUMENTAL COMO CONSCIÊNCIA SOCIOLÓGICA, está concluindo uma pesquisa: O IDEAL MEDIÚNICO NO RECIFE, com a finalidade de obter o grau de Mestre em Sociologia pelo Mestrado de Sociologia (PIMES) desta Universidade.

Na entrevista a seguir ele analisa problemas de Epistemologia ligados ao pensamento sociológico, além de firmar sua posição de realista em Filosofia, pois para ele o ponto de partida será sempre o ontológico e não, como nos idealistas, gnosiológico.



1) — Há, a rigor, um pensamento sociológico ou apenas um método que se arroga o direito de ser um pensar autônomo?

A Sociologia instaurou-se em seus vários matizes, com o ambicioso desejo de constituir-se e uma nova consciência, um novo pensar. Não importava somente, à Sociologia nascente, tratar os fenômenos sociais empíricos e positivamente, à semelhança do tratamento recebido pelos fenômenos físicos. Antes desta questão metodológica, os sociólogos se colocavam, e continuam a assim proceder, as questões fundamentais para a constituição de qualquer pensar autônomo que são as de ordem ontológica, do objeto a ser estudado; epistemológica, da maneira como ele pode e deve ser estudado; e axiológica, do porque eles devem ser estudados. As respostas dadas a essas três questões, de modo explícito ou implícito, este o mais constante, são muitas e, frequentemente, díspares. Vão de uma perspectiva epistemológica psicologista a uma ontologia materialista, geralmente opostas, ou de uma resposta axiológicamente neutral a uma perspectiva ontológica idealista, geralmente complementares, e, deste modo, o Método em Sociologia, porque é dependente das oferecidas a essas três questões anteriores, é algo que, a rigor, muito fica a dever como proceder científico.

Como pensamento autônomo, porém, a Sociologia vem alcançando seu ambicioso objetivo inicial de se constituir em consciência mais que em ciência, apesar da multiplicidade de perspectivas e respostas epistemológicas, axiológicas e ontológicas oferecidas por sociólogos à Sociologia e nos fatos sociais. Na verdade, como fez ver Mills, há uma "imaginação sociológica" predominante na arte, ciência e literatura contemporâneas que, como sustenta Berger, consiste essencialmente em se relativizar a relativização. A crítica francesa, portanto a epistemologia francesa, a Filosofia alemã, logo a ontologia alemã, e o empirismo inglês continuam hoje sendo o substratum do pensamento



sociológico que deles, no entanto, é diverso, por ser produto de uma classe social diferente da que se produz.

2) — Qual, ao seu ver, a contribuição da Sociologia para o estudo dos problemas humanos?

É possível se ver a contribuição da Sociologia no estudo dos problemas humanos sob variados aspectos. Do ponto de vista estritamente científico, constatações como a existência de entidades coletivas capazes, não apenas, de revelar como de modificar a natureza individual de cada ser humano, a localização social do pensamento, arte, correntes de opinião pública, etc., a descoberta de que a racionalidade humana está condicionada, em sua expressão e forma a uma prática racional coletiva podem ser vistos como contribuições empíricas valiosas para uma melhor compreensão da natureza humana e seus problemas. Num contexto mais amplo, fora dos rígidos limites empíricos da Ciência, a noção de que a natureza humana e sua transformação estão, em forma e conteúdo, condicionadas a situações de grupo, classe e sociedade por uma força maior que a vontade individual, parece-me a maior contribuição humanística dada pela Sociologia.

3) — Uma vez que você sustenta ser a Sociologia a Ciência que inclui em seu objeto material seu próprio objeto formal, acha que a Metafísica foi realmente morta por ela?

Não. Acredito que o ponto de partida da Sociologia do Conhecimento seja a crença na possibilidade do conhecimento e seus dados como algo produzido e praticado pelo homem em situação grupal. Ora, como é lógico, esta crença inclui a própria Sociologia, e até mesmo a Sociologia do Conhecimento, como tipos de pensamento socialmente localizados, ou localizáveis, o que faz Sociologia redobrar-se sobre si mesmo. Este *pari pris*, no entanto, de nenhum modo exclui nem invalida a possibilidade do conhecimento, a concordância do pensamento consigo próprio e com a realidade, que transcendem os limites estritamente físicos e que são supostos de todo conhecimento científico empírico. Nem mesmo o estudo empírico e a crítica sociológica esgotam a realidade da Metafísica, pois que para estudar a esta, a Sociologia necessita explícita ou implicitamente, admitir a si e à Metafísica a qualidade de ser e esta já é, por excelência, uma questão metafísica.

4) — Os movimentos vanguardistas comuns a todos os campos da arte moderna, como podem ser vistos do seu ponto de vista sociológico?

Os surtos vanguardistas, frequentíssimos nas artes do Século XX e muito comuns no Brasil, têm, em quase sua totalidade, uma única nota



dominante: a transformação de obra de arte em mercadoria. Isto, não obstante as declarações em contrário de seus autores, Os vanguardeiros são, em geral, pequenos burgueses insatisfeitos que se utilizam de tédio para rebelar-se contra sua condição de classe e dão o nome de arte a esta luta contra o tédio.

A inovação proposta e praticada por tais movimentos vanguardistas nada realmente inova, em forma e conteúdo, a beleza, que, última ratio, é a nota específica da obra de arte. A inovação, via de regra, em tais movimentos não passa de uma exdrúxula técnica para atrair consumidores: o que torna legítima a denominação de gadgets culturais, a novidade absoluta. A produção artística parece então, como um prodigioso ato de fabricar bugingangas capazes de gerar dinheiro numa relação de mercado. E, no final das contas, os vanguardeiros, frequentemente revolucionários, repetem a lei do mercado e fazem uma arte dependente, submetida a polos externos.

5) — Haverá equivalência, no plano político, desses movimentos vanguardistas?

Sim. Esses movimentos vanguardistas de arte contemporânea vêm, geralmente, abraçados com certas posições marxistas, de um certo marxismo da segunda metade do Século XX, frequentes nas Ciências Humanas e, excepcionalmente, na praxis

política. Aquí, como nos vanguardeiros, a febre, quase obsessiva, pela novidade - a constante; o ponto de partida é idealista; a forma é burguesa; o conteúdo é, por consequência, subjetivo e passional; uma espécie de rebeldia romântica de adolescentes; e a consequência prática resultante de tais concepções é uma ação conformadora, isto é, de acordo com a forma, do sistema estabelecido. Seria o que talvez se pudesse chamar de marxismo burguês.

Allás, acredito que essa febre pela novidade, por ser e fazer diferente, só pode ser bem compreendida de um ângulo político. Isto é, torna-se claro ao analista de tais posições inovadoras, quando as considera daquele ângulo, suas exageradas conotações psicologistas e sua, quase total, carência de perspectiva histórica. A inovação surge, então, circunscrita ao aqui e agora; à situação de classe.

6) — Oferece a Literatura campo para a experimentação sociológica?

Não. Arte alguma pode servir de campo experimental à qualquer ciência sem perder sua identidade. Entre arte e ciência há um laço comum que é a ânsia ambiciosa de juntar o racional e o empírico, o abstrato e o concreto, o universal e o singular, numa única e integral visão. Diferem na maneira de fazê-lo. A literatura, por ser arte, não necessita ser verdadeira para ser uma profunda compreensão da realidade. É suficiente que seja bela, de uma beleza verossímil. A Verdade na arte está em sua Beleza, enquanto que na ciência esta relação se inverte.

Há muitas maneiras de que se serve um artista para expressar a sua arte: uma delas é a imaginação sociológica. Escritores existem que delas se utilizam com maior habilidade e perfeição que certos sociólogos. Apesar disso, porém, da literatura expressar numa forma sociológica sua compreensão artística de real, não pode ela ser tida

como compo experimental da Sociologia. Isto seria uma redução para a arte e, no mínimo, uma incorreção para a ciência.

7) — Encontra, na qualidade de professor, condições para contribuir para o desenvolvimento de sua ciência?

Sim, apesar de tudo. É sensível, a qualquer professor, a diminuição do nível de qualificação dos alunos que, a cada semestre, entram na Universidade. Este fato diminui também o poder que a atividade didática tem, em qualquer ciência, de, como meio difusor de conhecimentos, contribuir para o desenvolvimento científico, obrigando os professores a utilizarem algumas técnicas didáticas que, uma década e meia atrás, eram muito usadas para o ensino de crianças. Entretanto, na Universidade brasileira, já é possível se aiar a pesquisa científica à atividade docente. Deste modo, o professor brasileiro já pode contribuir para o desenvolvimento da ciência de sua especialidade, de duas maneiras: ensinando e pesquisando.

8) — O que, precisamente, estuda em sua pesquisa sobre a mediunidade?

É uma pesquisa de Sociologia do Conhecimento. Estudo a relação existente entre a ética mediúnica e a racionalização social desencadeada pelo surto industrial no Recife nas últimas décadas.



Antonio Leal Campos: poeta em inglês e em português

Nascido em Pedra, Pernambuco, em 26 de outubro de 46, e graduado em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco, além de bolsista da Associação Universitária Interamericana, Antonio Leal Campos tem diploma de Proficiência em Inglês pela Universidade de Michigan, nos Estados Unidos.

Um dos mais estranhos poetas pernambucanos, Antonio Leal Campos, aparecido após a geração 65, em Pernambuco, é dono de uma expressão poética marcada, acima de tudo, por uma indagação metafísica raramente encontrável entre seus contemporâneos.

Dominando perfeitamente a língua inglesa

deve carregar o drama terrível de expressar-se em uma língua estrangeira, sem poder fazer nada para evitá-lo, correndo o perigo ou a graça de escrever melhor naquela língua do que em seu próprio idioma. O seu livro inédito trará poemas em inglês e português, e tudo indica que o poeta, em sua grandeza, não será entendido por todos.

Single Star

Tell me why never more you sent your Angel my Lord
To show the stones the piercing power of his sword?
Ah, nameless single star that shines ignored up above
I do name you because my eyes drink your rays. Love
Star I call you. Your light falls on the bushes, on
The trees, sleeping birds, dull waters and the green lawn
That grows over the young maid's grave a day left without
A chant. Lo, I bring a song between the lips of my mouth
To offer you both lass and star. Oh, hear what I sing
In Nature's chorus as in the deep bosom of the Spring
All things vail a riddle grater than
The mute Sphynx has kept from man.
Hear, too, what I sing Oh, little flowers of this season
And then cover my serious body after death's treason
When the eyes will stop seeing the light of the star
As well will finish to the sailor his very last war.

Estrela Solitária

Diz-me Senhor porque nunca mais enviaste teu Anjo
Para mostrar às pedras o poder do fio de sua espada?
Ah, estrela solitária que ignorada brilhas no céu
Dou-te nome porque meus olhos bebem teus raios. Estrela
do amor te chamo. Tua luz cai sobre as mottas, sobre
As árvores, aves sonolentas, águas mansas e a grama verde
Que cresce na sepultura da amada que um dia partiu sem
Cântico. Vêde, eu trago uma canção nos lábios meus
Para oferecer à amada e à estrela. Ó, ouvi o que canto
No coro da Natureza quando no peito profundo da Primavera
Todas as coisas velam um enigma mais extenso que
A muda Esfinge tem guardado dos homens.
Ouvi, também, o que canto Ó pequenas flores desta estação
E então cobri meu corpo rígido depois da traição da morte
Quando os olhos deturbarão de ver a luz da estrela
E findará do andarilho sua derradeira peregrinação.

Temptation

"Listen to me" said the Demon,
As he placed his hand upon my head"
Poe

The Prince pointed out to the landscape
With his right hand
As embraced me with the other arm
Looking deep in my eyes
Making an uproar
And laughing the way
Only he knows how to laugh.

I saw the fields and a part a bit hilly
Where dawn tigers feed on water lilly
And dove-winged angels of the night
On the nude stalks ever use to alight.

'Twas about the ninth hour of the day
When I felt the serpent-like fingers
of the wind
Through my hair making way
While in my ears
whispered the Fiend.

"A very far lithe valley lies beyond
The point the eyes' candle can kindle.
Look, the waters of the river are salt
in the middle
And sweet at both fringes.

We can hear the birds singing a lilt
At every death of the solitary noon.
Bow their heads the flowers, they wilt,
As comes near to Nature the moon".

There were fluorescent floating plants
On the river's quiet face
And its waters were also fluorescent
Blue at both sides and green in the core.
Strange leaves of violet,
Trees never seen before
Planted the way alongside the colored liquid
Let see their black roots
Seeking the bodies of those
Who passed dreaming, downstream,
With eyes fixed forever on the stars.

Reflecting the light of strange fruits
Stood a rock as an imaginary and lost bound
Which had on itself an hourglass
That never buried the time's flow
And no footprint can be found.

He took a fiddle out of the air.
Sounds of a Death Dance spread over the valley
As masked ghosts, spirits and spookies
Danced so gently around us.

Looked up and saw the moon with a stain
Thru which a bright plasm poured down
And filled the dew with haze that tasted blood.

He offered me the instrument and said:
"Sing me a song".

Looked up once more
And the moon's stain was gone
And the mist absorbed by my gown
The crawling night over
And at last laid at my feet
A frolicsome and ingenuous child
They call Demon.

Tentação

"Escute-me" disse o Demônio
Colocando sua mão em minha cabeça"
Poe

O Príncipe apontou para a paisagem
Com sua mão direita
Envolvendo-me com o outro braço,
Olhando profundamente em meus olhos,
Fazendo um alarido
E rindo da maneira
Que só ele sabe.

Vi os campos e uma parte montanhosa
Onde tigres da madrugada comem lírios
E anjos noturnos com asas de andorinha
Nos talos desnudos costumam pousar.

Era cerca da hora nona do dia
Quando senti os dedos de serpente
do vento
Abrindo caminho através de meus cabelos
Enquanto em meus ouvidos
sussurrava o Inimigo.

"Um vale chelo de luxúria jaz além
Do ponto que a candela dos olhos pode alumiar.
Veja, as águas do rio são salgadas
no melo
E doces em ambas as margens.

Podemos ouvir a triste canção dos pássaros
A cada morte da tarde solitária.
As flores curvam suas cabeças, murcham,
Ao se aproximar da Natureza a lua".

Havia plantas fluorescentes flutuando
Sobre a face quieta do rio
E suas águas eram também fluorescentes,
Azuis nas duas margens e verdes no centro.
Estranhas folhas de cor roxa,
Árvores nunca dantes vistas
Plantadas ao longo do líquido caminho
Deixavam ver suas negras raízes
Procurando os corpos daqueles
Que passaram sonhando, correnteza abaixo,
Com os olhos fixos para sempre nas estrelas.

Refletindo a luz de frutos estranhos
Havia uma rocha como fronteira imaginária e perdida
Que tinha sobre si uma ampulheta
Que jamais enterrava o fluxo do tempo
E nenhuma pegada podia ser encontrada.

Ele trouxe um violino do ar.
Sons duma Dança Macabra espalharam-se pelo vale
E fantasmas mascarados, espíritos e duendes
Dançavam delicadamente ao nosso redor.

Olhei para cima e vi a lua com uma mancha
Através da qual um plasma claro escorria
E enchia o orvalho com um nevoeiro
Que tinha o gosto de sangue.

Me ofereceu o instrumento e disse:
"Cante uma canção para mim".

Olhei para cima uma vez mais
E a lua guardava-se imaculada
E a névoa absorvida por meu manto,
Finda a noite que se arrastava
E finalmente jazia a meus pés
Uma criança traquina e ingênua
Que Eles chamam de Demônio.

Carnaval também revela aspectos da miscigenação

Com muita razão, o carnaval pernambucano tem sido rotulado de "o melhor do mundo", por alvoroçados locutores de rádios ou inflexíveis baïrristas em discussões fora do Estado. Justifica-se que o carnaval carioca dispõe apenas do samba — exuberante e publicitário — e que a Bahia, na falta de uma genuína folgança, tenta, a todo custo, conquistar a paternidade do frevo, embora conte com os "saborosos" trios elétricos.



Além do frevo — forte, decidido, aberto — o pernambucano, sobretudo o Recife, dispõe de várias opções para "esquecer as dores do mundo", durante os três dias, como dizem os cronistas do passado, dedicados "ao Reinado de Momo". Nas passarelas, oficiais e não oficiais, desfilam os blocos, clubes e troças; mais ainda: caboclinhos e maracatus; pela ruas, misturando-se com a multidão, o bloco dos sujós, la ursa, bumba-meu-bol, grupos muito excêntricos.

Por isso, é que o carnaval pernambucano oferece aos turistas a oportunidade de não apenas admirar os folguedos e brincadelas, mas até mesmo de se atirar, com bagagem e tudo, "de chapéu de sol aberto" — como diz a música de Capiba — na alegria da frevança.

O frevo — corruptela de fervo, fervura, quintura, segundo os estudiosos — é uma criação tipicamente pernambucana, assim como o samba pertence ao carloca, e mais do que pernambucana, recifense por excelência. Informa-se, inclusive, que a palavra *frevo* foi criada por Paulo Judeu — pseudônimo de Osvaldo de Almeida. Entretanto, assegura Valdemar de Oliveira, em notável estudo sobre o assunto que ele teria apenas grafado uma palavra que já existia na boca do povo. E adiante, revela Oliveira: "É impossível distinguir bem: se o frevo, que é a música, trouxe o passo ou, se o passo, que é a dança, trouxe o frevo. É possível afirmar, porém, que o frevo foi invenção dos compositores de música ligelra, feita para o carnaval, enquanto o passo brotou mesmo do povo, sem regra, nem mestre, como por geração espontânea".

Essa discussão tem uma razão: a dança natural do frevo é o *passo*, e ambos estão de tal forma identificados que é quase impossível distinguir quem veio do outro. Assim como o problema popular: nasceu primeiro: o ovo ou a galinha? Mas os estudiosos como Waldemar de Oliveira, chegam a admitir a seguinte assertiva: "Foi o capoeira do Recife, o ancestral do passo".

Outra conclusão a que chegaram quase unanimemente os estudiosos: o nascimento do frevo ocorreu mesmo nos princípios do Século XX e deriva, justamente, da quadrilha, do maxixe e do dobrado. Entre as nossas principais agremiações dedicadas ao frevo, encontram-se: Lenhadores, Pás e Vassourinhas, ainda hoje existentes, como também o tradicional Batutas de São José; entre as que desapareceram está, por exemplo, a chamada Caladores que era formada por profissionais da criação. Estes homens saiam às ruas durante o carnaval, munidos dos seus instrumentos de trabalho para "pintar" os frontispícios de residências que necessitassem desses serviços. Dias antes do carnaval, os seus organizadores colocavam anúncios nos jornais so-

licitando que os necessitados fizessem as inscrições, em endereços previamente estabelecidos.

Maracatus

A presença do sangue africano ainda é muito viva no nosso carnaval. Uma presença espontânea e mágica. Parece que, como os nossos maracatus, fantásticamen-



te, nos dias de carnaval, os negros africanos, com suas dores, lamentos e cantorias, percorrem, mais uma vez, as ruas desordenadas do Recife, chelos de encanto e mistérios. Na verdade, as nações de Maracatu — como são conhecidas — representam verdadeiras reminiscências vivissimas da antiga África, com as coroações dos reis do Congo".

O maracatu, informam as pessoas interessadas no estudo do assunto, ligam-se, na verdade, às cerimônias da Igreja Católica, ou mais precisamente às Irmandades de Nossa Senhora do Rosário.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos foi construída na hoje conhecida Rua Estrela do Rosário, no bairro de Santo Antônio, bem no centro da cidade; nasceu do sacrifício e da luta dos negros recifenses. "Os homens pretos e cativos se mostravam tão afetuosos no amor e serviço da Mãe de Deus, a Senhora do Rosário, que eles mesmos, ainda que pobres, resolveram fundar uma for-



várias vezes — salientou, em trabalho publicado, que aqui encontrou cinco grupos que poderiam ser considerados Maracatus-Nações, sendo que destes somente três eram legítimas nações africanas: "O Leão Coroado", fundado em 1863; "Estrela Brilhante", de Igarassu, fundado em 1910, e "O Elefante", fundado em 1800, extinto com a morte de sua rainha, a famosa Dona Santa, em 1962.

Caboclinho

Outra manifestação verdadeiramente interessante do carnaval pernambucano, na sua riqueza de múltiplas exibições, é o Caboclinho ou Caboculinhos, como é denominado popularmente. Vestidos em fantasias exuberantes de penas coloridas, os integrantes dos caboclinhos, como índios percorrem as ruas da cidade numa dança mágica — representando rituais indígenas — ao som de batidas dos seus arcos e flechas e de uma flauta melancólica. Muitos desses caboclinhos chegam mesmo a ser atração em outros Estados nordestinos, como é o caso do "Tabajara", que este ano visitou o Ceará e a Paraíba, a convites das empresas oficiais de turismo.

Esse grupo de estranhos foliões é formado, geralmente, por até 50 (ou mais) figurantes, entre eles algumas moças e até meninos. Alguns, de um certo tempo para cá, deixaram de celebrar os rituais indígenas, para, apenas, em dois cordões, fazendo voltas e rodélos, exibirem-se em palanques ou nas avenidas anteriormente determinadas pela chamada Comissão Organizadora do Carnaval.

Outra agremiação de caboclinho muito conhecida no Recife e que disputa os primeiros lugares do carnaval com a Tabajara é a Canindé, que tem sua sede no Alto José do Pinho. Geralmente, ensaia quando já está próximo o carnaval, o seu salão de danças é frequentado por todas as camadas sociais da cidade.

Como se pode observar, a miscigenação da raça brasileira está presente em todas as manifestações folclóricas do nosso carnaval, unindo brancos (dos blocos de frevo), negros (dos maracatus) e os índios (dos caboclinhos). Daí a imensa riqueza dessa grande festa popular em Pernambuco, que mais do que um simples divertimento, desfile inusitado para a delícia das legiões de turistas, é uma espécie de amostra antropológica da nossa formação.

mosa Igreja em que eles são os fundadores e administradores. É este um templo de curiosa e suntuosa estrutura e seu frontispício pomposa fábrica de pedra branca, é admirável desempenho da arquitetura edificativa", informa o estudante Domingos Loureto Couto, sobre a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

O Maracatu Elefante, da conhecida Dona Santa — figura tradicionalíssima do carnaval recifense, já morta — é o mais famoso da cidade. Entretanto, por falta de apoio oficial, desapareceu. Os seus ornamentos estão hoje no Museu Antropológico, do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

GRUPOS

As nações africanas transplantadas para o Brasil organizam os seus cortejos e exibem-se na grande festa coletiva. Entretanto, em estudos realizados no Recife durante longo tempo, a pesquisadora Katarina Real — que esteve no Recife por